



## DIA INTERNACIONAL DO DEFICIENTE



3	Editorial
4	No Trilho da Inclusão
6	À Conversa com...
10	A Inserção no Mundo do Trabalho... Experiências de Vida
19	Inquérito de Rua
20	A Criança com Características de Sobredotação na Escola
22	A Importância da Intervenção Dietética na Deficiência
26	Sente-se / Sinta-se
28	Formação
29	Livros recomendados
30	Notícias

---

## ficha técnica

**DIRECTORA** – Cecília Berta Fernandes Pereira

**REDAÇÃO** – Serviços da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação

**REVISÃO** – Direcção de Serviços de Formação e Adaptações Tecnológicas

**MORADA** – Rua D. João nº 57

9054 – 510 Funchal

Telefone: 291 705 860

Fax: 291 705870

**EMAIL** – [revistadiversidades@madeira-edu.pt](mailto:revistadiversidades@madeira-edu.pt)

**GRAFISMO E PAGINAÇÃO** - Direcção de Serviços de Formação e Adaptações Tecnológicas

**IMPRESSÃO** – O Liberal

**FOTOS** – Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação / Estúdio Quattro



*Cecília Pereira*

Directora Regional de Educação  
Especial e Reabilitação

Dia Internacional da Pessoa com Deficiência...  
Dia Nacional da Pessoa com Deficiência!!!...  
Porquê? Para quê? Será comemorar? Será chamar a atenção para...? Será apontar o dedo? Será reivindicar? Será incomodar?

Quantas vezes dizemos sempre as mesmas coisas?!... Sensibilizar ... Informar ... Alertar... Integrar ... Incluir ... Intervir... Criar oportunidades... Solidariedade... Tolerância... Aceitação...

Estamos a falar de quê e de quais?

Falamos, acima de tudo, de pessoas que, mesmo no silêncio, têm voz...

Que nos dizem essas vozes?

“Sou uma pessoa. Estou aqui. Este é o meu MUNDO. Deixem-me pertencer, estar, ser, participar...”

Temos de as ouvir atentamente... observar... e duma forma sentida perceber que as suas capacidades, os seus contributos estão muito para além do nosso conhecimento pré-concebido.

Elas surpreendem-nos... sempre.

Hoje é cada vez mais realidade aquilo que era a UTOPIA de ontem, temos provas disso.

No mundo em mudança, valorizar e acreditar que esta só se faz com o (im)possível, é caminhar para o futuro.

# No Trilho da Inclusão

Maria José Camacho <sup>(1)</sup>



...

Ao longo da sua História a Humanidade redimensionou a sua forma de olhar as pessoas portadoras de deficiência à luz da evolução de conceitos, de descobertas e avanços científicos nos diferentes campos do conhecimento.

A “não inclusão” assentou numa invenção social, justificativa da selectividade, num tempo em que a democracia ainda não tinha a força suficiente para fazer valer os direitos das minorias e das pessoas diferentes. A pouco e pouco, a exclusão e a segregação, protagonizadas pela sociedade de épocas mais remotas, foram-se desmoronando, na abertura de espaço à integração e à inclusão.

Neste dealbar do século XXI, a inclusão de pessoas portadoras de deficiência, de minorias étnicas, de populações sócio-económica e culturalmente desfavorecidas integra uma parte significativa dos discursos, dos projectos e intenções de todos quantos têm responsabilidades neste domínio.

Mas, porque pensamos existir ainda um longo caminho a percorrer neste sentido, torna-se urgente continuar a reflexão, não perdendo o rumo que nos conduz à utopia de que a sociedade, na sua essência, há-de espelhar e assumir com naturalidade a diversidade que a caracteriza.

Na tentativa de compreender o conceito de inclusão, na sua génese, já que essa tarefa nos pode ajudar a colocar de parte comportamentos e atitudes de rejeição da diferença, não podemos deixar de ressaltar aquilo que o Dicionário da Língua Portuguesa nos apresenta acerca da definição desta palavra.

Partindo do significado de **conceituar** como sendo a acção de (...) *avaliar; formar opinião de; contribuir para uma boa reputação* (...) o referido Dicionário encaminha-nos para a compreensão da palavra no âmbito da **Filosofia**, para a qual **inclusão** significa a

(...) *representação mental, abstracta e geral; opinião; apreciação; juízo* (...); enquanto a **Linguística** define **inclusão** como (...) *a representação simbólica, com um significado geral que abarca toda uma série de objectos que possuem propriedades comuns* (...)

Eleger estas “propriedades comuns” e “contribuir para uma boa reputação” da inclusão das pessoas portadoras de deficiência é um convite a deixarmos de lado outros conceitos e **preconceitos** (opiniões formadas antecipadamente), na assunção de representações e perspectivas inovadoras, conducentes a novas atitudes que desencadeiem acções válidas, no derrubar dos obstáculos que ainda impedem a sua inserção plena e dignificante na sociedade actual.

Estamos conscientes de que esta não é uma tarefa fácil. Einstein afirmava que “... é mais fácil quebrar um átomo do que derrubar um preconceito”, daí as dificuldades que experimentamos quando nos vemos confrontados a abandonar “certezas” sobre as quais ancorámos ideias e paradigmas que nortearam, ao longo dos tempos, o nosso olhar e as nossas práticas, relativamente às pessoas portadoras de deficiência.

Esta necessária e iminente mudança de paradigmas que subjaz ao conceito de inclusão apela e interpela para a valorização do ser humano enquanto entidade capaz de se afirmar como pessoa e como cidadão, apesar da diferença que possa apresentar.

No entanto, frequentemente, declaramo-nos apologistas da inclusão pelo que a mesma representa enquanto símbolo de pós-modernidade, do politicamente correcto, da tentativa de adesão a uma renovação de ideias, mas...no nosso íntimo, continuam a ecoar interrogações inquietantes...

Sou favorável à inclusão de todos, mas que tenho eu a ver com isso? Que responsabilidades tenho, se não existem condições? Que posso eu fazer se não

sou especialista? Como conseguir perceber os seus modos de pensar e de agir? Como ocupar-me dela, sem negligenciar o atendimento aos outros? E os meios? E o tempo que se perde? E o emprego que já escasseia para os que não têm problemas e têm formação? E o mercado de trabalho cada vez mais competitivo que nos exige rentabilidade? E o dinheiro que se gasta com adaptações? Não seria melhor e mais conveniente serviços e locais especializados, em ordem a uma maior protecção?

De uma vez por todas, temos que admitir que inclusão e rejeição não podem andar de mãos dadas: a primeira, inserida numa coerência de vida, procura revelar e desenvolver; a segunda aniquila e destrói, aproximando-se, por isso, de uma lógica de morte que não se coaduna com a primeira.

A inclusão nasceu, foi aplaudida e subscrita por toda uma conjuntura. Decorrente da sua eleição surgiram normativos, recomendações...entretanto, não se podem fazer regras e não acreditar nelas, prescrever a sua aplicação e deixá-las como letra morta...sem acompanhamento e na ausência de práticas reguladoras.

A inclusão não deve ser um simples “correr da cortina” para cobrir e esconder “os actos” de uma sociedade que continua a excluir e, agitar a bandeira da inclusão não é por si só suficiente para congregar vontades e mudar atitudes.

A inclusão é um novo paradigma, organizado em conformidade com um conjunto de valores que clamam pelo respeito, solidariedade e qualidade de vida para **TODOS**.

Estamos perante um objectivo aliciante ainda que ambicioso, no qual



decisores políticos, gestores, técnicos, famílias e comunidades se devem comprometer, no sentido de trabalhar para que uma parte muito significativa da população não seja afastada e punida – sem culpa nem julgamento – do convívio e da riqueza que o ambiente inclusivo proporciona a todos, num processo de desenvolvimento pessoal, social e de aprendizagem mútua e permanente.

Porque o assumir deste conceito de inclusão nos deixa em aberto a responsabilidade da nossa busca individual e colectiva, rumo ao seu significado e potencialidades, ambicionamos para este **trilho da inclusão** o entrecruzar de olhares, esforços e competências, susceptíveis de conciliar com “técnica e afecto” a pesquisa, a colaboração, a interacção, a negociação e o parceria.

Só assim derrubaremos o que parece ser o calcanhar de Aquiles da normalização: ritmos acelerados a que todos têm que corresponder...

Espaços formatados...

Rentabilidade exacerbada...

Metas desfasadas que muitas vezes asfixiam as competências e possibilidades de cada um...

(1) *Directora de Serviços de Formação e Adaptações Tecnológicas*

# À conversa com ...

Conviver com a pessoa portadora de deficiência é uma realidade que nos impõe. Sabermos o que pensam os nossos conterrâneos sobre o seu lugar na nossa sociedade pareceu-nos importante. Por isso, propusemo-nos conversar com algumas pessoas sobre esta problemática.

**Diversidades: No próximo dia 3 de Dezembro assinala-se o Dia Internacional do Deficiente. O que é que este acontecimento lhes sugere?**

**Raimundo Quintal:** Eu posso falar um pouco da experiência que tenho tido ao longo da vida no trabalho com pessoas que apresentam deficiências. Tenho tido alguma experiência, o que me permite dizer que elas são capazes de ser integradas.

Enquanto professor tive muitos cegos integrados, tive duas alunas com deficiência auditiva que fizeram o 12º ano. Nos tempos mais recentes, sobretudo na fase em que estive na Câmara Municipal do Funchal, e mesmo agora, tenho vindo a trabalhar com miúdos deficientes, especialmente com deficiência mental. Nesta última fase temos colaborado ao nível da Associação dos Amigos do Parque Ecológico com os miúdos da Sagrada Família e o que me apercebo, é que, por exemplo, alguma deficiência mental não é impeditiva de uma boa integração.

A experiência que nós temos tido com eles lá em cima no Parque Ecológico na zona alta do Pico do Areeiro com as plantações e com os arranjos dos espaços, permite-me concluir que há miúdos e miúdas com esse tipo de deficiência que poderiam ser bons jardineiros, desde que tivessem uma formação melhor estruturada. Já há cursos de jardinagem para esses miúdos e a experiência que tenho, quer esta, quer a que tive quando estava na Câmara o que importa é dar-lhes a possibilidade de fazer as práticas. Enquanto lá estive lutei para que alguns fossem integrados, e hoje no quadro de jardineiros da Câmara estão 7 ou 8 que passaram por essa formação e penso que alguns, estou convicto disto, são belíssimos jardineiros e estão perfeitamente integrados. Penso é que de

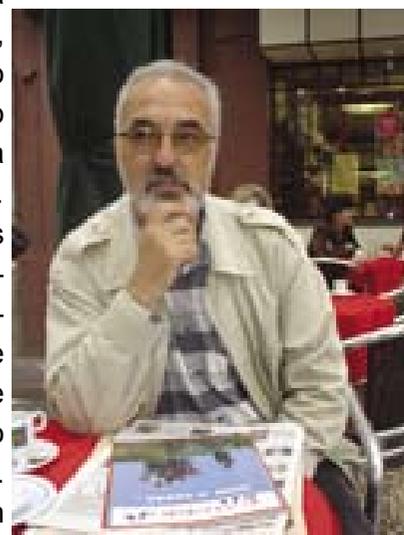
facto para este tipo de pessoas com deficiência não é, de modo nenhum, impeditivo de uma boa integração e até sem favor. Julgo que não é com favor.

**Diversidades: Então porque é que na realidade eles não estão integrados em maior número?**

**Raimundo Quintal:** Porque vivemos numa sociedade fortemente competitiva e quem se apresenta à porta, quem avança, quem empurra mais é quem entra primeiro. E naturalmente, que um deficiente mental... nem gostaria de chamar de deficiente, um indivíduo menos capacitado tem menos força para empurrar, para entrar.

E é a partir daí que entendo que são importantes instituições de opinião pública que funcionem e apresentem uma discriminação positiva. Julgo que aí é que seria importante.

De resto, foi um pouco isto que experimentei sobretudo quando era professor e quando estive na Câmara, por isso mesmo é que nós na Associação dos Amigos do Parque Ecológico definimos um programa em que todos os meses trabalhamos com pessoas “diferentes”. Há um sábado em que trabalhamos com “marginalizados da sociedade”, não só com a deficiência mental, com a deficiência motora, mas também com outro tipo de deficiência, afectiva por exemplo, estou a lembrar os miúdos que estão na Aldeia do Padre Américo, ou no Auxílio de Nossa Senhora de Fátima, ou no Patronato de Nossa Senhora das Dores, ou na Fundação Zino. Aí é outro tipo de “deficiência”, uma deficiência afectiva... por causa dela eles não estão tão preparados para a competição, numa sociedade que é extremamente competitiva. Eles não estarão preparados. Não porque tenham



um handicap físico ou mental em termos de QI, mas afectivo. Temos vindo a fazer um trabalho de, na medida do possível, ajudar a integrar, de os tornar, não só mais amigos da natureza, mas capazes de ter outro relacionamento com a natureza e com outros estratos sociais.

Julgo que a sociedade só por si é muito abstracta... todos nós temos responsabilidades.

**Raul Faria:** De qualquer forma hoje a realidade das pessoas portadoras de deficiência é muito diferente do que era há 20 anos. Penso que é um fenómeno que tem sofrido uma evolução de forma paulatina, até porque muitos dos handicaps são hoje superados pelas novas tecnologias, que se colocam ao dispor dos portadores de deficiência.

Por outro lado, penso que há 20 anos, aqui na Madeira, contavam-se pelos dedos duma mão, os deficientes minimamente integrados. Há também hoje uma alteração das mentalidades. Hoje um portador de deficiência é rentável em algumas áreas e pode assegurar a sua subsistência... mesmo em áreas específicas e em áreas muito especializadas já há técnicos portadores de deficiência. Portanto, a realidade vai-se alterando, não será com a velocidade que nós queremos ou desejamos, mas de facto há uma evolução que temos de referir.

**Diversidades: Dada a sua experiência nesta área, em que medida o aspecto legislativo tem contribuído para essa evolução?**

**Raul Faria:** Eu penso que um dos grandes problemas que se põe no Regime legal em que houve uma primeira abordagem é a questão das barreiras arquitectónicas. Penso a sua existência é uma coisa que dificulta imenso a inserção dos portadores de deficiência no mercado de trabalho. Sei que terminou em Junho o prazo para a eliminação de barreiras arquitectónicas, contudo somos a sociedade que somos, com grandes inércias e, se é verdade que na maioria dos edifícios não-públicos já é exigido pela legislação o esbatimento de algumas barreiras arquitectónicas, das medidas dos corredores, das casas de banho, etc. os edifícios públicos, nomeadamente em edifícios... posso dar exemplos: o nosso Tribunal só tem escadas, o portador de deficiência motora tem imensa dificul-



dade em chegar ao 1º andar do Tribunal de Comarca, ou por exemplo às Finanças que só tem escadas. É verdade, nós somos assim...

**Raimundo Quintal:** Lembro-me por exemplo que há 20, 30 anos atrás quando não havia estrada

no Curral das Freiras até ao Lombo Chão e à Seara Velha, por exemplo, havia deficientes que tinham uma vida...pareciam animais, pessoas que rastejavam. Felizmente com as novas vias, com novo tipo de veículos, com a informação e com a diminuição da consanguinidade, também houve todo um evoluir que contribuiu para haver menos deficiência. Lembro-me perfeitamente que há 30 anos era deprimente visitar certos sítios em que as pessoas deficientes viviam em compartimentos que pareciam mesmo animais. As outras pessoas tinham até receio. Não há dúvida nenhuma que se evoluiu nisso mas, por outro lado, a nossa sociedade continua a dar mais importância a um carro do que a um deficiente e a prova evidente é quando se criam novas vias pedonais para que os carros não avancem para cima dos passeios, como o exemplo que temos na rua Fernão de Ornelas com aqueles ferros todos por ali abaixo. Impedir que os carros avancem dá mais jeito do que andar sempre a multar, mas com isso esquecem que um cego tem ali uma barreira, uma barreira terrível. E isto só se altera mudando um pouco o que está dentro de nós.

**Raul Faria:** É um trabalho de gerações...o problema é este: não deveria ser necessário ter aquilo, porque se o povo fosse civilizado ao ponto de não estacionar em cima do passeio...não era preciso...

**Raimundo Quintal:** Há certas situações que eu não sei se é possível integrar. Há um caso que eu conheço, relativamente recente, de um miúdo de 13 anos dos Viveiros, que já estive na Aldeia da Paz, depois foi para a Aldeia do Padre Américo. É um miúdo corpulento, extremamente violento que desestabiliza completamente uma turma. Eu julgo que num caso

destes não tenho resposta, e não sei se pela via só da integração social é possível ou se não será mesmo necessário recorrer à via química. Porque às vezes, a tentativa de integração de um indivíduo extremamente violento pode gerar problemas bem mais complicados, como aqueles que vêm dos Estados Unidos da América, que é de facto um centro difusor mais forte, situações de miúdos agressivos que matam e que destroem, etc. Aí é preciso reflectir e ver qual é o caminho a seguir.

**Raul Faria:** Aí tem que haver trabalho interdisciplinar, quer da educação, quer da medicina, quer da solidariedade social.

**Diversidades:** Que mensagem deixariam às pessoas portadoras de deficiência?

**Raimundo Quintal:** Que sejamos cada vez mais capazes de entender a diferença. No fundo o que se passa com a sociedade é o que se passa com a natureza, não é? A biodiversidade é um dos pilares da riqueza da natureza. A diferença com “sinal mais” ou com “sinal menos” é algo que enquanto a Humanidade existir também irá existir. Como tal, temos que saber viver com ela e não devemos segregar.

**Raul Faria:** Penso que ainda hoje, um dos grandes problemas dos portadores de deficiência é serem uma minoria, porque se tivessem maior poder reivindicativo, se calhar, a situação já se tinha alterado. Portanto, a grande mensagem que eu deixava neste dia era que de facto se organizassem cada vez melhor para reivindicarem porque normalmente o Estado e a Sociedade só cedem perante a reivindicação.

**Diversidades:** Pensa que a sociedade valoriza a pessoa com deficiência quer ao nível do seu estatuto social quer ao nível da sua inserção no mundo do trabalho?

**Luísa Ferreira:** Inserção no mundo do trabalho não sei bem, mas em termos de sociedade acho que se valoriza muito mais que antigamente. Eu penso que antigamente se escondia os deficientes. Hoje não, espero... Já se saiu dessa fase. Agora, no mundo do trabalho, não sei responder. Às vezes também não é



fácil as pessoas admitirem um deficiente, não sei...

**Diversidades:** E porque pensa que isso acontece?

**Luísa Ferreira:** Não sei... são razões...as pessoas ainda não estão abertas para isso. Porque eles até podem fazer determinadas coisas. Eu acho que sim.

**Fernanda Caldeira:** Em relação ao mundo do trabalho é preciso ver que há carências de postos de trabalho, as pessoas pensam na produtividade e não há dúvida que uma pessoa com deficiência dificilmente terá uma produtividade igual a uma que não tem deficiência. Daí fazerem muitas vezes uma opção mais voltada para aqueles que não têm deficiência. Podemos perguntar se isso é justo, se humanamente está correcto...eu considero que não, mas temos que pensar no aspecto económico das firmas que trabalham com pessoas nessa situação.

**Luísa Ferreira:** Aí o Estado tem um papel mais importante. Terá que reservar alguns lugares para as pessoas com deficiência...



**Fernanda Caldeira:** E subsidiar as firmas que possam admitir pessoas portadoras de deficiência. Vamos supor que um funcionário ganha X, a pessoa com deficiência como não vai produzir tanto para poder a firma pagar o mesmo X, o Estado teria de subsidiar a diferença. Isto é uma ideia. Sei que o

Estado subsidia estágios, inclusivamente, nós temos uma firma de cabeleireiro e até nos propusemos uma vez aceitar uma pessoa com deficiência.

Inclusivamente eu tive uma aluna com deficiência há muitos anos que o sonho dela era ser cabeleireira, e eu disse que se um dia ela tivesse o curso e nós ainda tivéssemos o cabeleireiro, que ela nos podia procurar.

Entretanto perdi-a de vista. Ela tinha uma vontade muito grande de entrar no mundo igual aos outros, disso lembro-me bem.

**Luísa Ferreira:** Estou a lembrar-me das Olimpíadas das Pessoas com Deficiência... é uma coisa lindíssima... a organização. A minha filha teve a oportunidade de lá ir e ela contou-me que em Atenas, nas ruas e nos restaurantes havia muita gente com crianças deficientes, eu penso que era uma solidariedade entre eles poderem trazer os seus filhos também. Penso que a sociedade está a mudar. Não acham?

**Diversidades: Que mensagem gostariam de deixar às pessoas portadoras de deficiência?**

**Luísa Ferreira:** Acho que as pessoas têm de ter solidariedade para com as pessoas deficientes.

**Fernanda Caldeira:** Em termos de mensagem gostava que as pessoas colaborassem para que as pessoas com deficiência não tenham complexos com a sua deficiência. E que sejam ajudados de modo a que entrem no mundo semelhante ao dos outros. Eu sou muito a favor da integração a todos os níveis e nós sociedade temos um papel importante para que as pessoas com deficiência se sintam iguais aos outros ou que possam fazer coisas semelhantes. Eu lembro-me de um rapaz que foi meu aluno que é telefonista no Tecnopolo, o Marcelo, quando eu lá vou e venho ao longe a falar, ele reconhece-me logo. Todavia, penso que deveria haver mais formação para os professores, porque não é fácil. Apesar de eu sentir que nas escolas existe muita solidariedade, entre os colegas, em relação aos colegas portadores de deficiências.

**Diversidades: Enquanto Presidente de Câmara considera que tem colaborado para a inserção social e profissional das pessoas com deficiência. De que forma(s)?**

**Miguel Albuquerque:** Sim. Dando igual oportunidade de acesso ao trabalho à pessoa portadora de deficiência, independentemente das quotas de trabalho que a Lei prevê para estes cidadãos. Por outro lado, e em virtude da minha total satisfação pelo trabalho que

estes funcionários desempenham, pretendo continuar com a mesma política de contratação, colocando de lado ideias pré concebidas ou discriminatórias, pois o que pretendo é ter bons funcionários e não fazer actos de “solidariedade”.

**Diversidades: O que gostaria de fazer em prol da população com deficiência e que ainda conseguiu?**

**Miguel Albuquerque:** O meu trabalho, ao longo destes anos, tem sido como é óbvio, e dentro dos possíveis, em consonância com as verbas que nos são atribuídas, satisfazer todos os munícipes, não esquecendo as barreiras que impossibilitam a plena integração da pessoa portadora de deficiência na sociedade, como é o caso das barreiras arquitectónicas ou urbanísticas entre as quais saliento o alargamento e rebaixamento dos passeios, a punição do estacionamento abusivo, como também sempre que possível o solicitar da opinião de quem se debate directamente com as barreiras, como aconteceu aquando das obras no novo Edifício do Departamento de Águas, pois sou da opinião que o deficiente é que sabe qual a melhor maneira para eliminar as ditas barreiras.



**Diversidades: Que mensagem deixaria às pessoas portadoras de deficiência?**

**Miguel Albuquerque:** Que nunca deixem de acreditar e lutem sempre pelos seus objectivos.

# A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO...

## EXPERIÊNCIAS DE VIDA

A inserção no mundo do trabalho afigura-se-nos como uma das grandes finalidades do percurso de vida de uma pessoa portadora de deficiência.

Nesse sentido tentámos saber a opinião de alguns empresários e entidades públicas acerca das diferentes experiências laborais que têm proporcionado às pessoas portadoras de deficiência.

Quisemos saber como alguns destes funcionários vivem a sua experiência profissional.

Ouvimos também o ponto de vista daqueles que se instalaram por conta própria.

Aqui ficam as opiniões.

No Parque Industrial da Cancela, na empresa Arlindo & Gonçalves conversámos com o senhor Arlindo Gomes que aceitou relatar-nos a sua experiência na inserção de jovens portadores de deficiência na sua oficina.

**Diversidades: Quantos funcionários portadores de deficiência tem actualmente na sua empresa?**

**Arlindo Gomes:** Tenho dois funcionários colocados. Um deles já é efectivo e o outro está em formação até Dezembro.

**Diversidades: Como tem decorrido a experiência de trabalho?**

**Arlindo Gomes:** É assim...Eles nunca trabalham como uma pessoa normal... como deficientes que são, nós tentamos ajudar. De qualquer maneira eles vão evoluindo no trabalho que querem e onde querem. Já tivemos outros dois: um desistiu, outro foi embora...O Renato, esse ficou. Em vez de ficar em casa sem fazer nada, ajudamo-lo com o trabalho. Ele cumpre as horas de trabalho dele. Embora não faça o trabalho igual a um ajudante ou a um mestre, de qualquer modo temos que pagar-lhe, embora comecem com o ordenado mínimo. No entanto quando eles che-

garam, no início, eles vinham com um contrato do Centro de Formação perante o qual eu não tinha que pagar-lhes nada. Há um desses contratos que termina agora mas em



Janeiro estou a pensar ficar com o jovem, fazer um contrato de 6 meses...um contrato para ele trabalhar já por nossa conta em Janeiro no horário normal da empresa: entrar às 9h e sair às 16h.

**Diversidades: Como é que é o relacionamento destes jovens com o restante pessoal?**

**Arlindo Gomes:** É bom, não temos razões de queixa, respeitam o outro pessoal de trabalho e, uma vez que eles se respeitem uns aos outros, o ambiente é bom. Não quer dizer que não haja às vezes um problema-zito, qualquer coisa, mas isso é normal. A relação entre eles é boa. Também não há muito pessoal, ao todo somos oito. A equipa é pequena mas temos de trabalhar e dar um passo em frente. Enquanto se puder ir trabalhando e pagando os impostos, os ordenados...especialmente manter os ordenados de cada um em dia...o principal é manter os ordenados dos sete funcionários em dia. Poderá faltar o dinheiro para mim, mas os vencimentos do pessoal e o dinheiro para a renda tem de estar sempre em dia.

**Diversidades: Perante esta experiência que se pode considerar positiva, gostaria de deixar alguma mensagem quer aos empresários, quer às pessoas com deficiência?**

**Arlindo Gomes:** Eu julgo que todas as empresas deveriam admitir pessoas com deficiência. Até porque

têm o incentivo dos primeiros três anos da parte do Governo que ajuda tanto a empresa como o funcionário. Depois, cada empresa vê o tipo de deficiência da pessoa e vê em que é que ele pode evoluir, seguindo o trabalho que ele deseja e quer seguir.



Sabemos que muitas vezes eles não podem ter a mesma evolução de uma pessoa normal, mas pode fazer o serviço e que temos de ajudar.

Eu, felizmente, tenho ajudado as pessoas deficientes...é uma sina

que eu tenho. Antes destes rapazes já tive outros. Já tive um de Machico que depois acabou por desistir, tive um de Santa Cruz... Às vezes até de Lisboa me telefonam, mandam-me um fax a pedir ajuda para comprar uma cadeira de rodas. Ainda há dias mandei um donativo para Vila Nova de Gaia ou para o Porto, agora foi uma empresa do Continente, dos Açores que me pediam para comprar um artigo, para dar uma ajuda.

Já estou aqui há 11 anos, vai fazer em Junho de 2005 12 anos.

Tenho tido sempre deficientes integrados e tenho tentado sempre ajudar e acho que todas as empresas deveriam ajudar estas pessoas. É uma maneira...em vez de estarem em casa ou andarem pelas ruas (às vezes há pessoas deficientes que andam pela rua ao abandono) têm um emprego, têm um lugar certo de

trabalho, têm uma oportunidade de terem um emprego.

Comigo eles podem vir à experiência, estar uns tempos e podem ter uma oportunidade, como acontece àquele a quem coloquei no quadro...e que vou fazer com o outro que também cá está.

Se houvesse um maior número de empresas que fizessem isto, havia mais pessoas portadoras de deficiência inseridas no mercado de trabalho. Se cada uma tivesse dois, era bom, mas se cada uma, pelo menos, tivesse uma, já era uma ajuda boa para as pessoas deficientes. Mas há muitas empresas que não pensam assim, há muitas empresas que só pensam em lucros. Claro que às vezes também perdemos muito tempo a ensinar...como é que ele tem que fazer e como é que ele há-de seguir e isso não é fácil. Ensinar parece fácil, mas não é. É como as crianças em casa...leva tempo...e uma pessoa dessas é igual, temos que ensiná-los para que vão fazendo.

---

No Centro Ortopédico do Funchal conversamos com Francisco Machado, empresário que tem contratado pessoas portadoras de deficiência para a sua empresa.

**Diversidades: Tem pessoas com deficiência integradas no seu local de trabalho desde quando?**

**Francisco Machado:** Não posso ser bem preciso, mas penso que há cerca de 20 anos que gostamos de trabalhar com pessoas deficientes.

**Diversidades: E que tipo de deficiências é que têm?**

**Francisco Machado:** Auditiva. Na nossa empresa só temos deficientes auditivos.

**Diversidades: Da experiência vivida com essas pessoas o que é que gostava de relevar?**

**Francisco Machado:** A capacidade que eles têm de interpretar aquilo que nós pretendemos e o grau de profissionalismo que eles têm, acho isso muito gratificante. Posso dizer-lhe que foi uma experiência que nós adquirimos com os deficientes, que hoje se tivesse oportunidade ou necessidade de contratar alguém para os quadros para aquele tipo de trabalho, não tinha problema nenhum em pedir à Educação Especial que nos desse alguns elementos para nós

podermos admitir no serviço.

**Diversidades: Acabou de nos falar que a empresa está certificada pelo serviço da qualidade, também sabemos que o mercado é muito competitivo e que a rentabilidade é muito importante em termos do que se espera dos funcionários. Pensa que estas pessoas se afastam dessa rentabilidade e desse sentido de qualidade?**



**Francisco Machado:** Não vejo a diferença da rentabilidade do deficiente relativamente a outra pessoa dita “normal”, mas sinceramente não sei onde posso apontar qualquer diferença. Talvez apontasse exactamente ao contrário, eles pelo facto

de não falarem estão mais concentrados no serviço e apresentam mais rentabilidade do que algumas pessoas ditas normais, não todas, mas algumas. Nós já tivemos no nosso quadro mais deficientes a trabalhar. Alguns quiseram mudar de vida, quiseram procurar outros meios. Neste momento estamos com 5 deficientes e estamos satisfeitos e penso que eles também estão satisfeitos, damos-lhe todo o apoio que precisam e necessitam.

Temos cá um funcionário o Manuel Policarpo, não sei se é muito fácil encontrar alguém que faça o trabalho como ele faz, porque é um trabalho essencialmente técnico. Ele recebeu alguma formação aqui, e aprendeu. Já não estranhámos a maneira de falar com ele e já sabemos que não podemos falar muito rápido nem baixo, controlando essa parte tudo corre bem.

**Diversidades: Face a esta experiência que mensagem gostaria de deixar a todos quantos ainda não viveram essa situação e às pessoas portadoras de deficiência à procura do emprego?**

**Francisco Machado:** Às pessoas portadoras de deficiência diria que não desanimassem, que o trabalho acaba por aparecer, com certeza.

Aos empresários, diria que não tivessem problemas em admitir pessoas portadoras de deficiência, obviamente que nós temos de avaliá-los. Não vamos pôr um deficiente auditivo ao balcão a atender um cliente, isso iria ser complicado. Devemos escolher o local próprio para colocá-lo e penso que nesse sentido os empresários têm uma palavra a dizer face às condições que possuem para poder realmente admitir para os seus quadros pessoas portadoras de deficiência. A rentabilidade... se não for a 100% é a 90%. No nosso caso a rentabilidade é a 100%, eu não arranjava ninguém para fazer o trabalho que eles estão a fazer neste momento que desse mais rentabilidade do que eles estão a dar. É o que lhe posso dizer acerca desta nossa experiência.

Fomos encontrar o Manuel Policarpo, deficiente auditivo no meio das suas tarefas...

**Diversidades: Há quanto tempo trabalha aqui?**

**Manuel Policarpo:** Há 24 anos

**Diversidades: Pode falar um pouco da sua experiência aqui? Daquilo que tem feito e de com o seu sentido.**

**Manuel Policarpo:** Gosto muito de trabalhar aqui, a fazer qualquer coisa: aparelhos ortopédicos, próteses, cadeiras de rodas...

**Diversidades: O que é que mais gosta de fazer?**

**Manuel Policarpo:** De tudo um pouco, faço um pouco de tudo e gosto muito.



No Restaurante Papa Manuel III conversamos com o Sr. Paulo Rodrigues acerca da sua experiência de integração da Rosário, uma jovem com dificuldades de aprendizagem...

**Diversidades: Como se iniciou a experiência de integração de pessoas com dificuldades/deficiência no seu estabelecimento?**



**Paulo Rodrigues:** Eu tinha uma vaga e uma pessoa que eu conhecia recomendou a Rosário. Optei por colocá-la no restaurante à experiência. Mais tarde, mais ou menos 6 meses depois, fui contactado pelo Centro de Formação Profissional de

Deficientes que passou a orientar todo o processo.

**Diversidades: A Rosário apresentava dificuldades na realização das tarefas?**

**Paulo Rodrigues:** Normalmente dou um certo limite de tempo para os empregados se adaptarem ao serviço, há uma certa linha de produção, mínima, para actuar bem, no entanto, pode haver alguma falha, ninguém é perfeito.

Em relação à Rosário, nos primeiros meses houve algumas dificuldades de integração no serviço, alguma imaturidade, algumas falhas, porque era a primeira experiência profissional. Mas ela chegou lá, atingiu os objectivos, nunca deixei de acreditar. Tentei sempre manter um equilíbrio, ao nível da equipa de trabalho, fazendo a equipa compreender algumas das dificuldades. Considero que ao fim de um ano houve uma integração completa na equipa. Actualmente, nas horas de maior movimento é uma das melhores funcionárias que eu tenho, principalmente no serviço de bar. Eu penso que a Rosário está muito bem integrada no grupo. Existe um espírito de camaradagem e ela também já se sente integrada.

**Diversidades: Qual a situação profissional da Rosário?**

**Paulo Rodrigues:** Ela começou a trabalhar a contrato, que foi sendo renovado e agora já é efectiva.

**Diversidades: Aconselhava esta experiência a outros empresários que ainda não a viveram?**

**Paulo Rodrigues:** Recebi a Rosário sem preconceitos. Penso que quer seja no serviço de bar, no de sala ou no de cozinha, existem oportunidades para todas as pessoas. Todas as pessoas, no emprego, têm um período de adaptação inicial em que sentem dificuldades. Eu penso que os patrões deviam dar uma oportunidade a estas pessoas incluindo patrocinar alguns eventos. Quando há uma vaga por preencher os patrões devem analisar bem as tarefas a desempenhar, conhecer as características da pessoa e fazer as adaptações necessárias. Eu, se tiver outra oportunidade, voltarei a repetir a experiência.

**Diversidades: Que mensagem deixaria às pessoas com deficiência?**

**Paulo Rodrigues:** Acho que devem ter coragem como qualquer pessoa e aproveitar as oportunidades que a vida dá.

Aproveitamos ainda para trocar algumas palavras com a Rosário Bettencourt...

**Diversidades: Como se iniciou a sua experiência aqui?**

**Rosário Bettencourt:** Falei com a minha professora, disse que conhecia este restaurante; o meu irmão já aqui trabalhava e como eu não gostava muito de estudar e queria trabalhar...

**Diversidades: Que idade tinhas quando começaste?**



**Rosário Bettencourt:** Foi há três anos. Tinha 16 anos.

**Diversidades: Queres contar-nos como foi a tua adaptação?**

**Rosário Bettencourt:** As pessoas ajudaram-me muito no início. Foram amigas e agora também já posso ajudar os outros.

Gosto muito de trabalhar aqui. Este é o meu primeiro trabalho e penso que vai ser o primeiro e o último.

**Diversidades: O que tens a dizer aos teus colegas que ainda estão no Centro Formação Profissional de Deficientes?**

**Rosário Bettencourt:** Acho que eles têm que se esforçar bastante para saírem do Centro e vir para cá para fora trabalhar.

**Diversidades: Quais são os teus sonhos?**

**Rosário Bettencourt:** Quero estudar para tirar a carta de condução e depois casar...ter uma vida!

Aproveitámos ainda a ocasião para ouvir opinião de um colega de trabalho da Rosário...

**Diversidades: Quer deixar uma mensagem às pessoas portadoras de deficiência?**



**José Sousa:** Assim de momento preocupa-me o futuro do meu filho, todo o pai que tem um miúdo com deficiência preocupa-se com o futuro, mas quero acreditar nas nossas entidades, na educação especial, nas terapeutas e nas psicólogas que são uma ajuda para os pais e nós temos que acreditar nelas. Felizmente

(ou infelizmente) temos de acreditar em alguém, nós que temos um filho nessa situação.

**Diversidades: Tem sido colega de trabalho de pessoas com problemas e que estão aqui inseridas, o que é que pensa da inserção destas pessoas no mundo do trabalho?**

**José Sousa:** Acho muito bom. Todas as pessoas deviam seguir o exemplo desta entidade patronal. Todos têm direito à uma vida, ninguém é diferente de ninguém. Se dermos oportunidade às pessoas, elas demonstram as suas qualidades. É o caso da Rosário, ela tem demonstrado que tem capacidades, que tem valor e que tem ainda muito para dar.

**Diversidades: Porque é que pensa que ainda não se integram muitas pessoas portadoras de deficiência no mercado de trabalho?**

**José Sousa:** Porque as pessoas não deixam, penso que as pessoas não ajudam em nada. A maioria das pessoas ditas normais pensam que a pessoa com deficiência não tem capacidades, nem sequer dão oportunidade para que demonstrem as suas capacidades, à primeira já rejeitam a ideia de integração, pensam que os clientes vão rejeitar a diferença. Nesta sociedade infelizmente é assim!

Eu, pessoalmente, infelizmente passo por essa situação; por exemplo quando estou numa paragem com o meu filho as pessoas olham de maneira diferente. O Nicolau tem superado muito coisa até agora, felizmente, talvez derivado à família ou se calhar foi com a ajuda da educação especial. E tenho fé que ele possa ter um patrão igual a este se vier a mostrar capacidades para isso.

---

No Garachico encontrámos o Alcindo Gonçalves, deficiente motor, que se instalou por conta própria na área de encadernação após a conclusão de um curso de formação profissional

**Diversidades: Soubemos que após um curso de encadernação se instalou por conta própria. Quer falar-nos do seu percurso até chegar à situação actual?**

**Alcindo Gonçalves:** No começo, o mais difícil foi ir para a escola, era muito longe, primeiro ia ao colo, depois às cavalitas de um irmão mais velho. Isto aconteceu até ao 6º ano, era aborrecido para me levarem. Para baixo eu sempre ia descendo, mas subir era difícil ...demorava meia hora ou mais.

Depois do 6ºano deixei de estudar, estive a trabalhar na obra de vimes e depois houve a oportunidade de ir para o Centro de Formação Profissional. Estive lá três anos. Num ano tirei o curso, mas como havia muito



trabalho continuei lá. O Sr. José Maria pediu-me para lá ficar. Depois estive mais uns quatro anos sem fazer nada, houve a oportunidade de ajuda para adquirir estas máquinas e uma outra que está no Centro de Formação, como não tenho as letras e tenho que lá ir então a outra máquina está lá...e faço só as letras lá.

Já estou instalado há uns oito anos. A dificuldade é que há pouco trabalho e também não tenho as coisas todas como seria conveniente...sou pobre...não tenho mais nenhum rendimento além do meu trabalho...eu gostava é que houvesse mais trabalho...mas há poucas encomendas.

Neste momento faço encadernações do Diário da República e do Jornal Oficial para a escola da Torre e para a Câmara Municipal de Câmara de Lobos. É o que tem aparecido, mas se houvesse outras coisas eu também encadernava.

Há dias apareceram-me com um livro pequenino que já tem 54 anos para encadernar! Eu gostava...num Museu, se eu encontrasse um servicinho aí, eu gostava...Vamos lá ver se isto melhora...e se não me tiram os trabalhos como me têm tirado. Por causa da Internet já perdi uns trabalhos no Funchal...é tudo pela Internet ...vai-se perdendo os clientes... e eu fico sem nada. Os materiais são caros, mas se houver trabalho isto dá, o problema é não haver...

---

Fomos até a Empresa PREVISÃO – Empresa de Contabilidade e Formação Profissional Lda. onde ouvimos o Dr. Pedro Calado, director da empresa.

#### **Diversidades: De que forma se processou a integração profissional da Célia nesta empresa?**

**Pedro Calado:** A maior parte das vezes ela percebe muito bem o que nós queremos dizer. Desde que falemos pausadamente e com calma ela entende bem, no entanto há determinados aspectos, que se torna mais difícil explicitar. Quando isto acontece pedimos a colaboração a uma colega que tem dois irmãos com as mesmas limitações que a Célia apresenta. Então ela é a pessoa que nos ajuda a fazer esta interligação e torna mais fácil o diálogo na medida em que ela domina a vida interna da empresa. Por exemplo para explicar uma determinada metodologia socorremos dessa colega, que nós temos, realmente é uma ajuda.

#### **Diversidades: Mais fácil porquê? Por que domina a Língua Gestual associada?**

**Pedro Calado:** A Língua Gestual associada ao hábito, ao conhecimento e com gesto natural e desse modo apresenta-se mais à vontade nesta interação.

O feitio destas pessoas acaba por criar

as suas próprias defesas e, essas defesas sentimos muito com os grupos que se criam dentro das empresas. Repare, este espaço não é grande mas também não é assim muito pequeno mas há muitos grupos aqui dentro. E em determinada altura nós sentimos que por algum motivo a Célia não funcionava em equipa com um determinado colega. Atentos à situação remodelamos a equipa de trabalho e colocamos a Célia a trabalhar com outro elemento e hoje é a perfeição: estão as duas enquadradíssimas, embora estejam fisicamente separadas uma da outra, são grandes amigas, penso que aqui dentro e fora daqui e conheceram-se aqui. Às vezes é uma questão de mudar a peça do puzzle de um lado para o outro e as coisas encaixam-se melhor.

#### **Diversidades: É dar atenção às características e uma boa gestão de recursos humanos...**

**Pedro Calado:** Às vezes é ter um pouco de sensibilidade e ver onde é que as pessoas se enquadram melhor. Também demos algumas garantias pretendidas pela Célia em termos de espaço e de trabalho e as coisas correram bem.

#### **Diversidades: Ela é funcionária efectiva?**

**Pedro Calado:** Já é efectiva e tem por vezes mais regalias que os outros, não devido às suas limitações, mas numa tentativa da entidade patronal estar atenta às carências dela e às suas necessidades, por vezes facilitamos mais alguns aspectos em relação aos outros colegas, por exemplo em termos de férias nunca abrimos uma excepção de gozar no próprio



ano, férias relativas ao ano seguinte. A Célia pôs-nos essa situação por questões da sua vida pessoal e nós não quisemos dificultar. Tentamos sempre de alguma forma tornar as coisas equilibradas e não haver desfasamentos muito grandes. Não digo que por vezes as limitações dela não nos leve a olhar para ela de uma forma diferente, não de pena mas de entendermos a situação e de lidarmos com alguma sensibilidade com o problema que ela tem. Agora, em termos de trabalho, exigimos tanto dela como exigimos das outras pessoas.

**Diversidades: Relativamente à rentabilidade que é sempre um aspecto que as empresas têm em conta pensa que a Célia corresponde?**

**Pedro Calado:** Ela corresponde. A rentabilidade deve ser medida ou é medida no caso da Célia em função daquilo que nós podemos esperar dela. Por exemplo da parte de um colega da Célia que não tenha as mesmas limitações físicas, eu tenho de esperar até aos 100%, pois trata-se de uma pessoa que trabalha na área comercial, fala e dialoga com o cliente e além disso faz a parte técnica. Da Célia não posso esperar que ela faça a parte comercial, se não pode falar, não pode a fazer, embora a vertente técnica em vez de esperar um determinado grau, posso esperar um nível acima porque ela só faz aquilo e dedica-se a 100%. Posso dizer que o trabalho dela tem sido exemplar; é uma boa ajuda para os colegas que trabalham com ela e é um elemento que se dedica a sério. Como está 100% dedicada ao seu trabalho é uma pessoa que não causa grandes problemas, senta-se sossegada com as suas pastas, com o seu trabalho. Desde que a respeitem ela também respeita os outros. Em termos de feitio é uma pessoa perfeitamente ajustada à nossa realidade e nós dentro de determinada medida, também nos podemos adaptar às necessidades dela e hoje vivemos bem em conjunto. É muito raro nos lembrarmos das diferenças em termos de limitações físicas que ela apresenta.

**Diversidades: Atendendo à experiência que nos parece positiva, gostaria de deixar uma mensagem para as pessoas portadoras de deficiência, quer aos outros empresários que ainda não tiveram esta oportunidade?**

**Pedro Calado:** Por aquilo que eu tenho visto, mesmo

em casa vemos aqueles deficientes físicos a entrar nos jogos paralímpicos e com deficiência bem maior do que a que a Célia tem e realmente são sempre imagens encorajadoras. Acho que a pessoa desde que tenha vontade e sensibilidade suficiente para se enquadrar dentro daquilo que quer, consegue sempre atingir os seus objectivos. É evidente que não os pode atingir se encontrar uma entidade patronal que crie um obstáculo, tem de haver sempre um meio termo. Dentro destas limitações temos de lidar sempre de uma forma positiva, porque hoje são eles e amanhã podemos ser nós. Eu faço sempre pelos outros aquilo que um dia gostava que fizessem por mim. A Célia hoje tem estes problemas, amanhã posso ser eu ou outra pessoa. Hoje não temos estas limitações, um dia mais tarde podemos vir a tê-las e sermos postos de parte na sociedade. Esta situação preocupa-me e espero que isso nunca venha a acontecer.

Temos este pequeno exemplo dentro da nossa empresa e faço votos para que existam muitos mais em toda a sociedade para começarmos a ter outro tipo de atitude com estas pessoas. Elas são tão úteis como as outras, é uma questão de sabermos aproveitar bem as suas capacidades, podem não dar 100% em determinadas áreas, vão dar 90% noutras e às vezes os 90% delas podem ser mais do que os 100% de outro tipo de pessoa, é uma questão de aproveitar ou de sabermos chegar ao ponto certo.

---

Na mesma empresa conversámos com a Célia Maria das Eiras Nóbrega, deficiente auditiva, que exerce a Profissão de Escriturária

**Diversidades: Há quanto tempo trabalha nesta empresa?**

**Célia Nóbrega:** Trabalho na Previsão, Lda. há 4 anos



**Diversidades:** Qual o percurso que fez até chegar a esta empresa?

**Célia Nóbrega:** Estive a estudar até ao 11º ano na área de informática, depois tirei um curso de contabilidade durante 3 anos no Centro Regional de Formação Profissional de Deficientes e estive a estagiar numa empresa de contabilidade. Em Dezembro do ano 2000 entrei para a Previsão - Empresa de Contabilidade e Formação Profissional, Lda., onde estive à experiência durante 1 mês. Depois através de um contrato de trabalho estive na empresa 6 meses, mas agora já estou efectiva na empresa.

**Diversidades:** Como se sente no seu local de trabalho?

**Célia Nóbrega:** Gosto muito da empresa onde trabalho. A equipa de trabalho é muito boa, nela encontro pessoas que me ajudam muito. Já aprendi muita coisa, pois é considerado um dos melhores gabinetes a nível regional. É uma empresa certificada e como tal cumpre todos os requisitos necessários para que a sua prestação de serviços seja de grande qualidade.

Recolhemos as opiniões de um casal, Nelson Afonseca e Lúcia Barradas, deficientes motores e que tentam implementar o seu projecto de trabalho relacionado com a formação profissional que adquiriram na área de encadernação.

**Diversidades: Pode descrever um pouco o seu percurso profissional?**

**Nelson Afonseca:** Estive 2 anos a frequentar um curso de encadernação e aí conheci a Lúcia. No princípio tencionava instalar-me por conta própria, mas acabei por ir para os bombeiros, trabalhar na área administrativa. A Lúcia instalou-se por conta própria e assim pudemos conjugar as duas coisas. Estou nos bombeiros já vai fazer 6 anos. A iniciação dos trabalhos de encadernação não foi fácil, contudo tivemos sempre o apoio do Centro de Formação, mais em especial do Sr. José Maria. Os trabalhos de encadernação são feitos aos poucos, fazemos trabalhos de encadernação para algumas escolas.

**Diversidades: Como é que divulga o seu trabalho?**

**Nelson Afonseca:** Eu ainda não tenho propagan-



da propriamente dita. Divulgo o meu trabalho fazendo visitas a algumas escolas, algum educando, transmitindo aquilo que eu faço. Essa é a minha maneira de divulgar. Até mesmo nos bombeiros como está sempre muita gente, vai passando de boca em boca.

**Diversidades: Quais são as maiores dificuldades que tem sentido?**

**Nelson Afonseca:** Na encadernação é difícil, recebe-se apoio no início quando se começa a actividade. Claro que nunca chega para tudo, então aos poucos vamos tentando reunir algum dinheiro para comprar o material necessário: uma máquina, uma ferramenta, matéria prima. Quero continuar a desenvolver o meu trabalho, não é só com aquilo que aprendemos que ficamos aptos para uma profissão, com o passar do tempo temos de desenvolver, adquirir novos materiais. Gosto muito da encadernação, para mim é um fugir do stress. Estou ali nos meus livros, a cuidar deles. Quando estou formando um livro, esqueço o tempo, esqueço de tudo.

**Diversidades: E nos bombeiros o trabalho que faz é administrativo?**

**Nelson Afonseca:** Sim, é trabalho de escritório. Houve aceitação, foi como se estivesse integrado numa família. Nunca houve indiferença ou exclusão. Houve sempre uma boa camaradagem, eles ajudam-me e eu ajudo-os quando é preciso, há um bom clima de trabalho, não me posso queixar.

**Diversidades: Quer falar um pouco do seu percurso?**

**Lúcia Barradas:** Estive 3 anos no Centro de Formação. Depois, comecei a trabalhar em casa durante algum tempo. Muitas vezes não temos trabalho. E assim decidi ir trabalhar como empregada de

limpeza em algumas casas particulares para ajudar financeiramente.

**Diversidades: Tudo aquilo que faz sente que é bem aceite pelas pessoas?**



**Lúcia Barradas:** Às vezes elas exigem um pouco de mim, faço aquilo que me mandam fazer, mas às vezes não é possível devido à minha situação. Algumas vezes fico até mais tarde para poder fazer todo o meu trabalho.

**Diversidades: Como vamos comemorar no dia 3 de Dezembro o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência querem deixar-nos uma mensagem para as pessoas que sejam deficientes?**

**Nelson Afonseca:** Acho que tem que haver muita força, muita persistência. Diante das dificuldades não se deixar desanimar, porque na vida encontramos o lado positivo e o lado negativo.. O meu conselho seria: muita força e nunca desanimar. Há sempre uma esperança, se não é hoje é amanhã, mas conseguimos, chegamos lá. Existem pessoas com deficiência com bastante potencial que poderiam desenvolver coisas maravilhosas

**Lúcia Barradas:** Lutar no dia-a-dia e não desistir de lutar.

---

Ouvimos a Ana Nascimento que é cega e que foi admitida através do Centro de Emprego como telefonista pela Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação.

**Diversidades: Pode falar-nos um pouco do seu percurso de vida até chegar a este momento?**

**Ana Nascimento:** Desde o infantário ate ao 12º ano fui sempre apoiada pela educação especial pelo facto de já ter nascido com Deficiência visual, ao fim do 12º ano inscrevi-me no centro de emprego que me arranhou este emprego cá na DREER.

Estou neste posto de trabalho há cerca de quinze

dias. No início, cheguei cá e como em qualquer trabalho, não conhecia ninguém, mas estou a adaptar-me bem, as pessoas são simpáticas, o clima de trabalho é bom, as pessoas são excelentes, aprendi depressa. Dou-me bem com o trabalho em si, gosto dos colegas, gosto do trabalho, gosto de tudo, em geral.

**Diversidades: Quais foram as maiores dificuldades que sentiu?**

**Ana Nascimento:** Quando as chamadas telefónicas são passadas e as pessoas não atendem ou quando têm retorno porque as pessoas não estão lá nos seus gabinetes, às vezes é difícil localizá-las, mas também é uma questão de tempo.

**Diversidades: Em termos de adaptação do seu posto de trabalho, o que é que foi preciso fazer?**

**Ana Nascimento:** Foi preciso uma máquina Braille para eu poder apontar os números de telefone que as pessoas pedem nas ligações a fazer, foi preciso transcrever para Braille a lista telefónica e os números dos serviços, das escolas e os números das extensões da Direcção Regional.

**Diversidades: Está satisfeita com o trabalho realizado?**

**Ana Nascimento:** Sim. Muito satisfeita.

**Diversidades: Quer deixar uma mensagem quer às pessoas portadoras de deficiência?**



**Ana Nascimento:** Lutem por aquilo que querem! E não desistam pelo facto de terem alguma deficiência, também é preciso saber esperar porque há muitas pessoas que tem deficiência, procuram trabalho e não

encontram e pensam “ eu por ter uma deficiência não vou conseguir, não vale a pena lutar”, isso eu acho que não deve acontecer...eu esperei um ano...e finalmente estou aqui!

# INQUÉRITO DE RUA

Quisemos saber a opinião de alguns cidadãos sobre o papel da pessoa com deficiência na nossa sociedade. Assim lançamos a questão:

**Considera que a pessoa com deficiência tem sido valorizada no nosso meio social e laboral?**



*Penso que se deveria fazer mais pela educação dos deficientes. Se há dinheiro e se valoriza o futebol e outras situações e atendendo a que na educação especial há necessidades, há reclamações como se vê nos diários acho que se devia valorizar mais. E após os*

*serviços de educação, dever-se-á investir a nível do trabalho. Há pessoas que mesmo deficientes podem trabalhar num sítio qualquer, podem ter capacidade para desempenhar uma função executiva ou outra qualquer. Eu já vi na Câmara do Funchal dois ou três casos, andam em cadeira de rodas e desempenham as suas funções, são funcionários públicos. Acho que outras pessoas poderiam fazer o mesmo, apesar de na sociedade nem todas as pessoas encararem isso como um meio viável.*

Liliana Vasconcelos  
Funcionária administrativa

*Acho que tem vindo a melhorar de alguns tempos para cá. Acho que as pessoas têm muito mais atenção. No entanto, ainda não existem entradas para deficientes em todos os edifícios, o que é um primeiro problema, só quem passa por esta situação é que consegue dar o valor. Por exemplo, eu às vezes vou à Câmara e vejo que*



*já há pessoas com deficiência integradas no mundo do trabalho. Portanto há algum reparo, por parte das autoridades competentes quanto a essa situação e acho que é de saudar. São as entidades públicas que têm de dar o primeiro passo, depois os empresários deveriam seguir essa tendência.*

Maria José Fortes  
Funcionária de Seguros



*Depende. Realmente notamos que cada vez há mais sensibilidade para este problema só que infelizmente acho que em algumas situações são discriminados. Apesar de haver campanhas de sensibilização, por exemplo, escolas que preparam as pessoas com deficiência para depois integrá-las no mercado*

*de trabalho penso que ainda há muita coisa a fazer na Madeira. Há áreas nas quais é possível integrá-los perfeitamente, por exemplo na área de escritórios, é possível integrar uma deficiência física em detrimento da construção civil, onde é muito complicado.*

Arlindo Vieira  
Professor

*Não valorizamos a pessoa com deficiência. Desde o governo que faz leis e não as cumpre em relação aos deficientes motores por exemplo, a existência de barreiras arquitectónicas em quase todos os edifícios públicos. Um sem número de situações começando por aí, indo até eu próprio que não valorizo o que devia, é um bocadinho de consciência individual, até chegarmos à consciência colectiva. Portanto infelizmente penso que poucas pessoas fazem o que poderiam fazer.*



*Relativamente ao mercado laboral aberto a todos, incluindo as pessoas com deficiência o governo fez legislação nesse aspecto, portanto, há quotas para deficientes mas eu sou contra as quotas onde quer que seja até para empregar deficientes. Portanto acho que deve ser uma coisa que deve surgir naturalmente e não deve surgir como regime de quotas para obrigar a que o governo tenha que admitir pessoas com deficiência nos concursos para a admissão de pessoal para a função pública.*

Marcos Teixeira  
Jurista

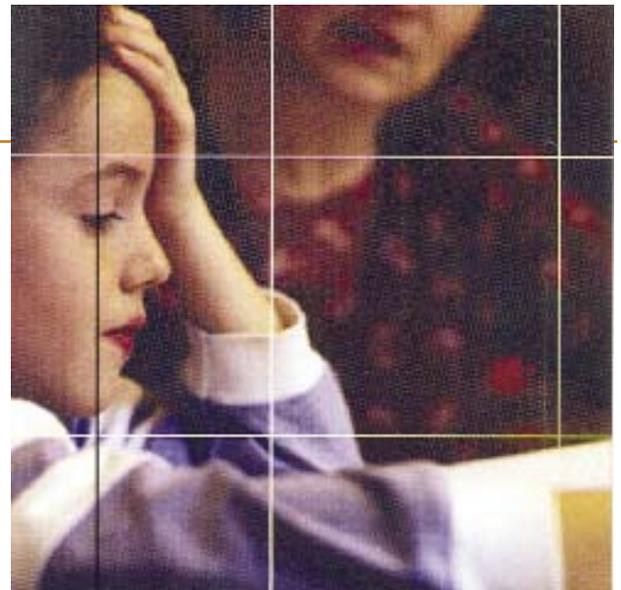
# A Criança com características de Sobredotação na Escola

Conceição Ramos <sup>(1)</sup>  
Valentina Correia <sup>(2)</sup>

O conceito “Necessidades Educativas Especiais” engloba também a educação dos alunos com características de sobredotação, área considerada polémica porque se duvida da sua existência ou porque se acredita que sendo dotadas, estas crianças já possuem o suficiente para vencerem por si próprias ou porque... porque, são várias as razões que nos levam a negligenciá-las.

Longe do modelo tradicional do pequeno génio, sabe-se hoje que a criança sobredotada não é necessariamente um aluno brilhante. Com a mudança na abordagem das teorias da inteligência, o conceito de sobredotação tornou-se mais amplo. Actualmente, a definição inclui múltiplas áreas de capacidade e da actividade humana. Contempla as áreas académica, cognitiva, sócio-afectiva, da motricidade e das expressões: plástica, musical, dramática.

Segundo Renzulli, os sujeitos com características de sobredotação, apresentam aptidões notáveis e/ou desempenhos elevados em áreas isoladas ou combi-



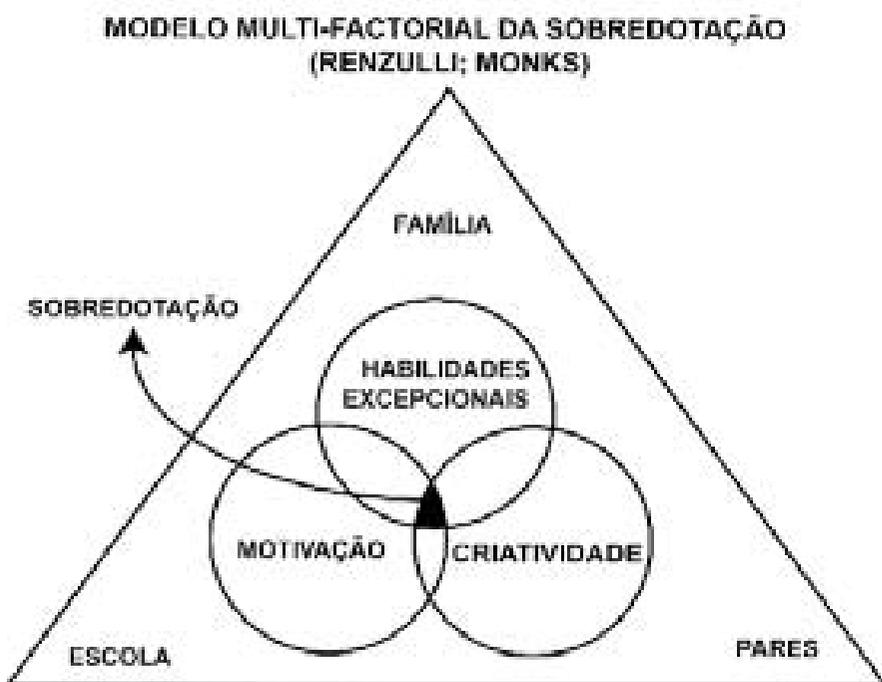
nadas. Mas para a manifestação do talento/alto nível de realização é importante a motivação (persistência/ envolvimento na tarefa), criatividade (ideias originais, diferentes), também o reconhecimento e a valorização de todo o meio envolvente: família /escola / pares.

## Como podem ser identificadas estas crianças?

Todo o contexto educativo é fundamental para a identificação e revelação destas crianças. Se não lhes forem oferecidas oportunidades de manifestação dos seus talentos / capacidades, em casa ou na escola, jamais serão identificadas!

Uma vez que grande parte do tempo da criança é passado na escola, o meio escolar constitui uma óptima fonte de informação. Os agentes educativos deverão estar atentos, de forma a sinalizá-las. Muitos destes alunos podem passar despercebidos, ou por ocultarem as suas potencialidades, ou por não apresentarem qualquer inadequação escolar. Apesar das suas características de sobredotação, estas crianças poderão experimentar dificuldades várias, nomeadamente:

- porque as tarefas dirigidas são rotineiras e pouco desafiantes (apelam ao pensamento convergente, podendo levar





a um desencanto e desinvestimento escolar).

. porque, por vezes, é-lhes exigido desempenhos brilhantes e altas expectativas, gerando situações de ansiedade/stress.

Uma vez sinalizadas, estas crianças deverão ser avaliadas por técnicos específicos: psicólogos, docentes especializados, especialistas em áreas de talento...

#### **Que tipo de intervenção para estas crianças/jovens?**

Como qualquer outra criança, é importante que sejam atendidas todas as suas necessidades específicas e singularidades de forma a proporcionar o desenvolvimento das suas competências e potencialidades - “não há nada mais desigual do que tratar de igual modo pessoas diferentes” (Jefferson).

Os alunos com características de

sobredotação para maximizarem o seu potencial requerem, tal como os outros grupos especiais, de serviços e actividades que dêem respostas às suas especificidades.

As necessidades psicopedagógicas podem passar por:

- . flexibilização de conteúdos programáticos de modo a ir de encontro ao seu ritmo de aprendizagem (compactação de unidades de estudo com inclusão de novas unidades e/ou investigação mais aprofundada de determinados temas);
- . recursos suplementares de informação (pesquisas, projectos, tutorias )
- . experiências de aprendizagem activas
- . acréscimo de outro tipo de actividades: programa de enriquecimento cognitivo, programas de competências sociais;
- . protocolos / parcerias com instituições de âmbito educativo, sócio-cultural e recreativo.

(1) Coordenadora do Gabinete Coordenador de Apoio à Sobredotação (GCAS).

(2) Psicóloga do Gabinete Coordenador de Apoio à Sobredotação (GCAS).

# A Importância da Intervenção Dietética na Deficiência

Carla Nunes \*  
Madalena Freitas \*  
Andreia Jesus \*

Sendo a alimentação uma necessidade básica do ser humano devemos dar-lhe especial relevância, escolhendo do leque de alimentos que temos à disposição os mais adequados a uma alimentação saudável. É pelos alimentos ingeridos que o homem consegue “combustível” para a manutenção do seu organismo, através da energia em forma de calorías

fornecida pelos nutrientes. Os nutrientes são classificados em energéticos e não energéticos. Dos energéticos temos as proteínas, que além de fornecerem energia (4 calorías em cada grama), são materiais de construção e renovação dos tecidos do organismo; os hidratos de carbono que fornecem essencialmente combustível (4 calorías em cada

grama) e as gorduras que fornecem muito combustível (9 calorías em cada grama). Dos não energéticos temos as vitaminas, os sais minerais e as fibras que dão essencialmente protecção ao organismo, não esquecendo a água que é indispensável para o ser humano pois participa em diversas funções na regulação do nosso organismo.

Por existirem alimentos com composições diferentes, estes nutrientes têm de ser recolhidos através de uma escolha variada na alimentação, em quantidades ou porções adequadas, seguindo regras de alimentação saudável e equilibrada. Estas recomendações são seguidas na Dieta Geral utilizada nas Instituições da DREER.



A má nutrição, caracterizada como uma disfunção do estado nutricional resultante do défice na ingestão de nutrientes, aumento das necessidades metabólicas ou sobrenutrição inclui o conceito de obesidade que é resultante do excesso de consumo de alimentos relativamente às suas necessidades e o conceito de desnutrição, em que não são satisfeitas as neces-

sidades do organismo.

A elevada prevalência de má nutrição é compreensível, na verdade, se nos países industrializados a taxa de obesidade está cada vez mais aumentada, por outro, nos países em vias de desenvolvimento a desnutrição é igualmente elevada.

O resultado do excesso energético por excesso de ingestão alimentar ou por sedentarismo leva a um excesso de peso. Os prejuízos desse excesso de peso para a saúde do indivíduo variam muito e envolvem diversos tipos de distúrbios, que se não forem fatais podem comprometer seriamente a qualidade de vida.

A obesidade, definida pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como uma doença crónica, adquiriu, ao longo das últimas décadas, o estatuto da doença do foro nutricional mais frequente no final do século XX, sendo considerada a epidemia do século XXI. Em Portugal estima-se que cerca de 35% da população tenha excesso de peso e 14,4% tenha obesidade o que leva todos os profissionais a investirem na prevenção.

Para combater e prevenir que o excesso de

peso aumente, a Área de Dietética faz um acompanhamento através da recolha estato-ponderal e avaliação pelo IMC (Índice de Massa Corporal) dos casos detectados submetendo-os a um plano alimentar estruturado de emagrecimento (Dieta de Emagrecimento) que se baseia no aporte moderado



de hidratos de carbono e gordura, com baixo teor de ácidos gordos saturados, privilegiando alimentos ricos em fibras alimentares, minerais e vitaminas. Na Dieta de Emagrecimento existem alterações a nível das quantidades e das confecções. A sopa é confecionada apenas com hortaliças e legumes (sem farináceos), o 2º prato inclui carne, peixe ou ovos como na Dieta Geral existindo alteração na quantidade de legumes e salada que é maior sendo menor a quantidade de farináceos. As confecções utilizadas são os cozidos, assados, grelhados, estufados, sem fritos, refogados ou molhos. No caso da sobremesa ela é sempre fruta.

Estas situações de excesso de peso são as mais comuns na DREER como se pode verificar no

Gráfico 1 que indica a Prevalência de educandos em idade adulta com Excesso de Peso e Obesidade em alguns Serviços da DREER: Serviço Técnico de Educação de Deficientes Intelectuais – Quinta do Leme, Serviço Técnico de Educação de Deficientes Intelectuais – Colégio Esperança, Serviço Técnico de Educação de Deficientes Motores, Serviço Técnico de Actividades Ocupacionais e Emprego Protegido (CAO Funchal, CAO Câmara de Lobos e CAO Ponta Delgada), Serviço Técnico Sócio-Educativo de Deficientes Profundos relativos ao mês de Junho de 2004. Existem alguns casos de excesso de peso não representados neste gráfico devido à impossibilidade de avaliá-los através do IMC.

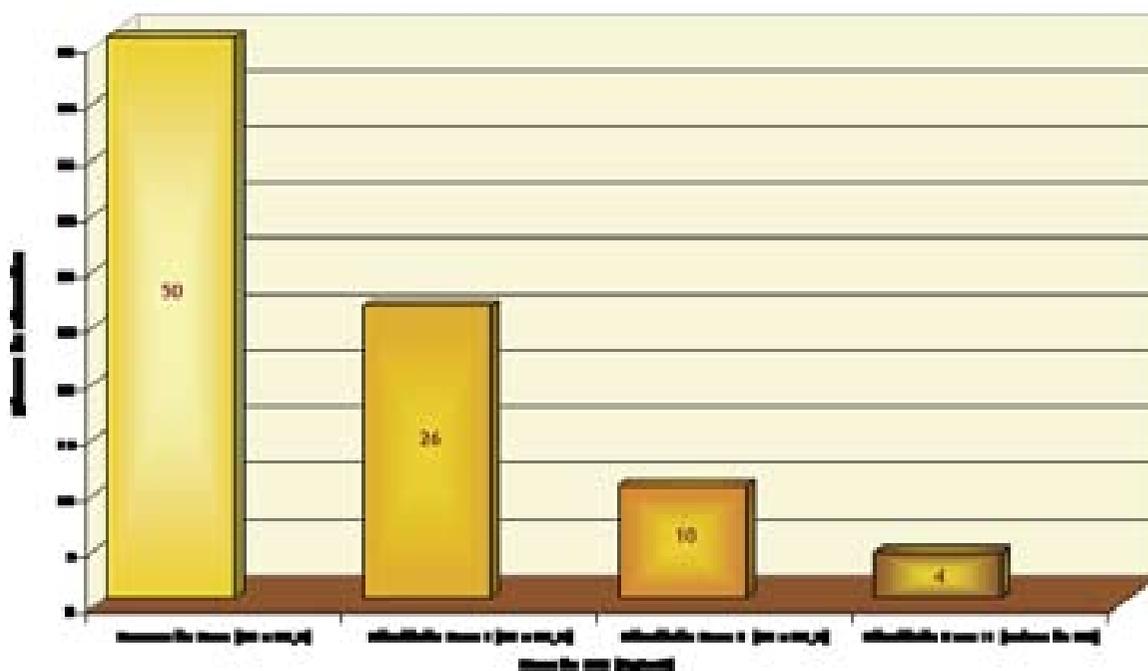
Muitos dos casos de excesso de peso/obesidade nos Serviços Técnicos da DREER estão relacionados com determinadas deficiências, sendo a mais frequente o Síndrome de Down pela sua característica típica de apetite voraz e ritmo metabólico reduzido com conseqüente baixa no gasto energético. Existe também uma hipotonia generalizada dos músculos



que leva ao sedentarismo e à resposta inadequada dos músculos digestivos impedindo a sensação de saciedade após as refeições. Outras situações de excesso de peso/obesidade ocorrem devido a reduzida mobilidade, como é o exemplo dos deficientes motores pela sua limitação física.

que leva ao sedentarismo e à resposta inadequada dos músculos digestivos impedindo a sensação de saciedade após as refeições. Outras situações de excesso de peso/obesidade ocorrem devido a reduzida mobilidade, como é o exemplo dos deficientes motores pela sua limitação física.

Gráfico 1 - Prevalência de Excesso de Peso e Obesidade em alguns Serviços da DREER



Contudo, existem nesta Direcção Regional situações especiais em que a alimentação tem de ser limitada pois a deficiência está muito associada a esta. É o caso das aminoacidopatias, nomeadamente a hiperargininémia, a hiperfenilalaninémia ou fenilcetonúria, a hiperglicinémia e a hiperlisinémia em que o plano alimentar estruturado tem de ser adaptado ao limitado metabolismo proteico, baseando-se essencialmente numa Dieta Hipoproteica isenta de alimentos de origem animal por serem muito ricos em proteínas. Por este motivo a DREER recorre ao Instituto de Genética Médica do Porto para adquirir géneros alimentares especiais adaptados a esta dieta visto não poderem ser consumidos alimentos de uso corrente como leite, bolachas, massas, arroz, cereais, entre outros, por conterem proteínas que nos produtos especiais estão reduzidas ao mínimo.

A limitada metabolização proteica e a ingestão de alimentos proibidos por desconhecimento da doença provoca atrasos mentais que se tornam cada vez mais acentuados.

Muitas pessoas portadoras de Deficiência apresentam limitações ao nível da mastigação e deglutição sendo por isso relevante também aqui a Intervenção Dietética na aplicação de Dietas específicas para estes casos tais como Dieta Mole, Dieta Pastosa e Sopa Enriquecida consoante o nível de limitação do educando. A Dieta Mole é utilizada quando existem algumas dificuldades de mastigação e/ou denteição e deglutição. A base desta dieta é a Dieta Geral modificada no que diz respeito à consistência dos alimentos. A sopa é igual à da Dieta Geral, sendo ralada em casos especiais. No 2º prato apenas há alteração da carne ou do peixe que são triturados ou desfiados. No caso da sobremesa, devido à consistência desejada tem de ser fruta cozida, raspada ou esmagada ou pudim ou geleia.



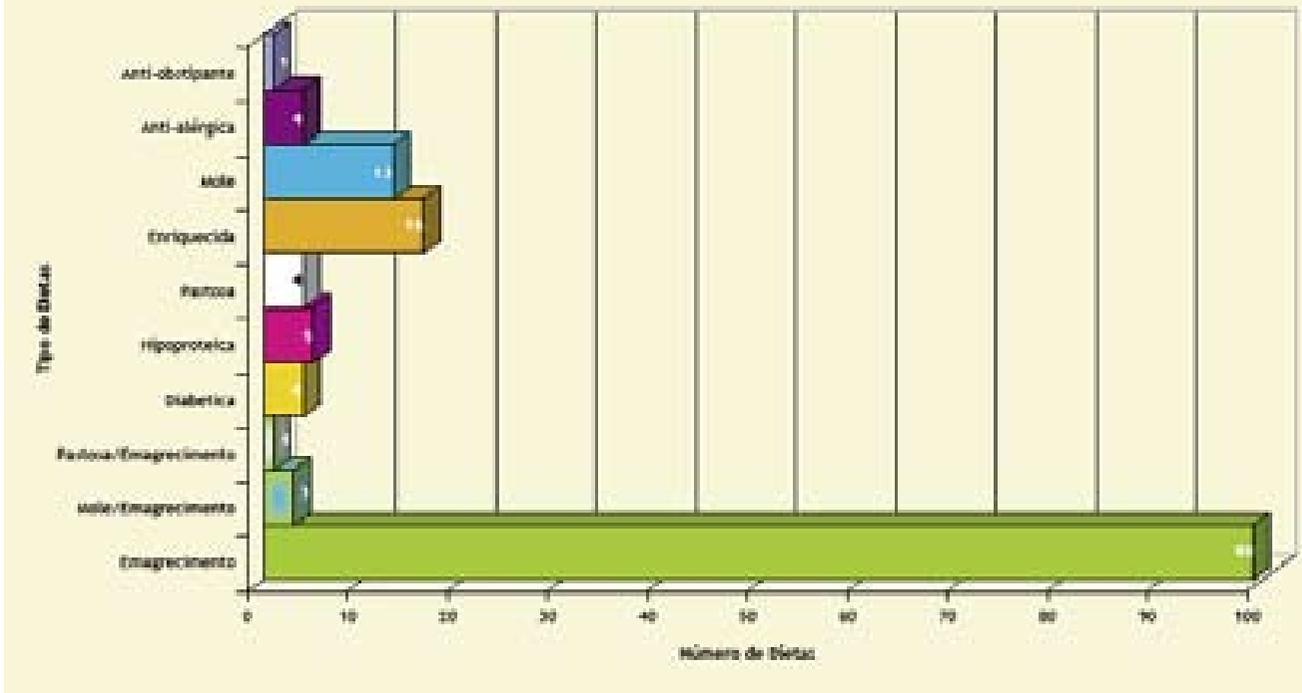
A Dieta Pastosa é utilizada em casos de dificuldades aparentes na mastigação e/ou denteição e deglutição. Novamente a base das refeições parte da Dieta Geral triturando todos os alimentos do 2º prato. A sopa e a sobremesa são as mesmas da Dieta Mole.

No caso da Sopa Enriquecida, recomendada quando a mastigação e/ou denteição e deglutição estão muito comprometidas não há 2º prato, apenas sopa e sobremesa. A base da sopa é da Dieta Geral, adicionada de carne ou peixe ou ovo e farináceo do 2º prato, tudo triturado. A sobremesa é semelhante à das Dietas Mole e Pastosa.

Em determinados casos especiais é necessária a utilização de outras Dietas nomeadamente Dieta Diabética, Anti-Diarreica, Anti-Alérgica, Anti-Obstipante, Renal ou Gástrica.

O Gráfico 2 representa o número de Dietas Especiais existentes em Junho de 2004 nos seguintes Serviços da DREER: Serviço Técnico de Educação de Deficientes Intelectuais – Quinta do Leme, Serviço Técnico de Educação de Deficientes Intelectuais – Colégio Esperança, Serviço Técnico de Educação de Deficientes Motores, Serviço Técnico de Educação de Deficientes Auditivos, Serviço Técnico de Actividades Ocupacionais e Emprego Protegido (CAO Funchal, CAO Câmara de Lobos e CAO Ponta Delgada), Serviço Técnico Sócio-Educativo de Deficientes Profundos.

Gráfico 2 - Número de Dietas Especiais em Junho de 2004



A Área de Dietética aposta na formação do pessoal envolvido directa ou indirectamente com a alimentação dos educandos garantindo o cumprimento das regras estabelecidas para a preparação e distribuição das Dietas, no que respeita à Segurança e Qualidade dos géneros alimentares. Recentemente realizou-se uma Acção de Formação destinada a pessoal Operário Qualificado de Cozinha e Pessoal Auxiliar da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação entre os dias 10 e 23 de Setembro com a duração de 30 horas. Foi uma iniciativa muito positiva e enriquecedora para os 20 formandos que nela participaram esperando numa próxima oportunidade abranger mais funcionários que estão ligados ao sector alimentar.

Para melhor alcançar os seus objectivos, esta Área conta com a colaboração de toda a equipa multidisciplinar dos Serviços Técnicos e com a aposta na prática da actividade física que tem vindo a ser feita nas Instituições, apesar das limitações inerentes a muitos educandos porque a alimentação equilibrada e a actividade física se potenciam nos seus efeitos benéficos sobre a saúde e na correcção e prevenção de complicações do foro alimentar.

#### Referências Bibliográficas

- Krause's, Food, Nutrition and Diet Therapy, L. Kathleen Mahan, Marian Harlin, WB Saunders Company, 10<sup>th</sup> edition ; 1998
- Gonçalves Ferreira, F. A Moderna Saúde Publica, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª Edição, 1990
- Folhetos informativos do Instituto de Genética Médica Jacinto Magalhães – Porto
- Carmo, Isabel do; "Saúde em Tempo de Risco", editora relógio D'água, 1993
- Carmo, Isabel do; "Vida, Vírus e Vícios"; editora relógio D'água, 1994
- Carmo, Isabel do; "Saber Emagrecer", publicações Dom Quichote, 6ª edição, 2002
- Barata, Dr J. L. Themudo; Carmo, Isabel do – "Mecha-se pela sua Saúde", Publicações Dom Quichote, 2003
- Saldanha, Helena; "Nutrição Clínica", editora Lidel
- Jorge, Zulmira; Carmo, Isabel do; Teles, A. Galvão, "Obesidade"
- Corola, Robert; Harley, John P; Noback, Charles R – "Human Anatomy and Physiology", second internacional edition, 1992
- Ferreira, F. A. Gonçalves – "Nutrição Humana", Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª Edição, 1994
- [www.who.gov](http://www.who.gov)
- [www.nlm.nih.gov/medline](http://www.nlm.nih.gov/medline)
- [www.eatright.org](http://www.eatright.org)

\* Dietistas da DREER



# SENTE-SE SINTA-SE

GRUPO DANÇANDO COM A DIFERENÇA

Teve lugar no Madeira Tecnopólo, nos dias 19, 20 e 21 de Novembro a apresentação de uma nova produção do Grupo Dançando com a Diferença da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação.

A coreografia esteve a cargo de Carolina Teixeira, Ricardo Mendes e Juliana Andrade e reposições de criações de Henrique Amoedo e Ivone Satie.

Aqui ficam algumas opiniões colhidas aquando da estreia do espectáculo.

À chegada...

## O que o motivou a vir a este espectáculo?

*É realmente a afectividade que eu tenho pelos alunos que estão implicados e que vão actuar.*

Maria Antonieta / Professora de Educação Especial



*Porque gosto bastante deste tipo de dança...*

Rosária Figueira /Empregada de mesa

*Curiosidade... pareceu-me que era um espectáculo com bastante interesse porque é diferente daqueles que nós normalmente costumamos ver e chama a atenção para uma série de problemas que nós constatamos todos os dias mas que às vezes fechamos um pouco os olhos.*

Ilda França/Professora



*O motivo...para já é porque eu gosto de dança e depois as pessoas que estão no elenco delas desperta-me muita curiosidade porque nunca vi nada do género, é a primeira vez que eu vou ver e estou curiosa.*

Rute Silva / Funcionária Pública

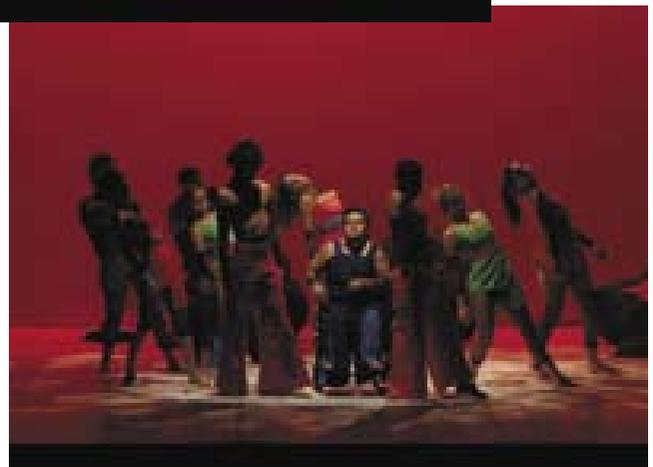
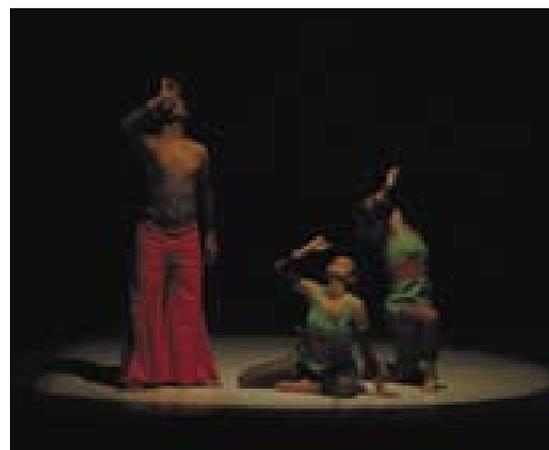
*Tenho acompanhado a evolução deste grupo, gosto muito dos trabalhos que eles fazem e depois conheço muitos dos participantes, é esse o motivo.*



Alexandra Silva / Psicóloga

*É assim...eu ando num grupo de dança, faço parte de um grupo de dança e chamou-me à atenção o facto da dança inclusiva.*

Paula Pestana / Educadora de Infância





Após o espectáculo

O que sentiu ao presenciar este espectáculo?



*Um espectáculo muito bonito, adorei, acho que devia haver mais espectáculos destes e mais frequentes.*

Paula Afonseca / Administrativa

*Valeu a pena e como já dei aulas na Deficiência motora há uns anos, senti muito este espectáculo.*

Fátima Castanheta / Professora de Ed. visual



*Gostei muito! Sou professora especializada aposentada estive no início do "Dançando com a diferença" como profissional. Claro que agora encontro uma evolução enorme, ao nível da movimentação, de todo o enquadramento...está muito bom. Valeu a pena, felicito a Educação Especial e...força para o futuro!*

Maria Augusta Teixeira / Professora de Educação Especial

*Excelente! A segunda parte não foi boa, foi excelente!*

José António Coelho/ Técnico de Contas



*A parte que gostei mais neste espectáculo foi "A menina da lua", foi a parte que me comoveu mais. Achei tudo espectacular. Estou sem palavras.*

Neuza Faria / Doméstica

*Levitei na cadeira. Mergulhei dentro de mim. Este espectáculo Sente-se / Sinta-se, acho que realmente deixou tudo o mundo sentado e tudo o mundo sentido, valeu a pena. Penso que estão todos de parabéns desde o Dr. Henrique Amoedo até aos colaboradores. Penso que é uma grande família que trabalha para que um projecto destes tenha o avanço que tem tido.*

*É muito muito trabalho, são muitas horas, muita dedicação e sobretudo muito amor. E acreditar num projecto.*

Lúcia Vieira / Mãe



FOTOS: ESTÚDIO QUATTRO



## FILOSOFIA COM CRIANÇAS

A Acção de Formação “Filosofia com Crianças – Aprender a Pensar, Aprender a Participar”, teve lugar na Sala de Formação dos Ilhéus, entre os dias 18 a 23 de Outubro de 2004, com um total de 42 horas, dinamizada pela Prof. Doutora Maria José de Figueiroa Rego. Participaram nesta acção 76 formandos, docentes e outros técnicos superiores que desempenham funções na área da sobredotação, com o intuito de criar condições para a implementação e o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e interactivo na sala de aula.

## PRIMEIROS SOCORROS

Decorreu na Sala de Formação dos Ilhéus, nos dias 4 e 5 de Novembro a Acção de Sensibilização “Primeiros Socorros”, com o propósito de melhorar o desempenho dos técnicos profissionais e motoristas em situações de urgência. Foi orientada pelas enfermeiras Maria Gorete Dantas e Teresa Maria do Espírito Santo. Teve a duração de 25 horas e nela participaram técnicos profissionais e motoristas da DREER, num total de 25 formandos.



## CURSO DE FORMAÇÃO DE TREINADORES DE BOCCIA

Nos dias 18, 19 e 20 de Novembro na Sala de Formação dos Ilhéus e no Ginásio do Serviço Técnico de Deficiência Auditiva (STEDA) teve lugar a acção de formação “Curso de Formação de Treinadores de Boccia” orientada por Jorge Vilela de Carvalho e Rosa Maria de Matos Carvalho com a duração de 19 horas. Esta acção de formação foi dirigida aos Professores de Educação Física, Técnicos Desportivos, Profissionais dos Sectores da Educação, Desporto, Saúde, Reabilitação e Solidariedade Social, Técnicos das ONG’s ligados à Deficiência e Reabilitação, num total de 27 formandos.

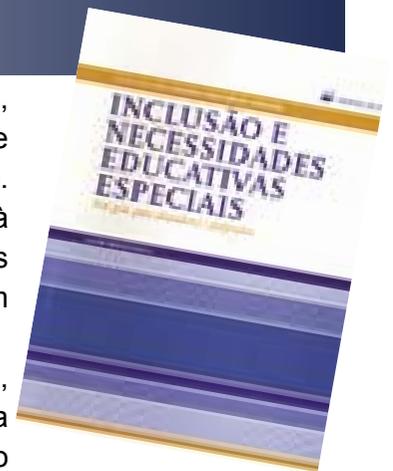
Título: Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores

Autor: Luís de Miranda Correia

Editora: Porto Editora

Este livro pretende ser um instrumento de apoio para os educadores e professores, no sentido de melhor compreenderem os conceitos de inclusão, educação especial e necessidades especiais, bem como o seu papel no contexto de uma escola inclusiva. O mesmo representa ainda um manancial de informação e estratégias que apela à criação de salas de aula inclusivas que valorizem a diversidade, contemplando as necessidades diferenciadas de todos os alunos, designadamente dos alunos com necessidades educativas especiais.

Cada vez mais educadores, professores, administradores, psicólogos, terapeutas, técnicos de serviço social, médicos e pais têm um papel de extrema importância na educação dos alunos com necessidades educativas especiais. Este papel é tanto mais importante quanto mais desejável se torna educar estes alunos nas escolas das suas residências, tendo por base um princípio essencial: o da inclusão.



Título: Inclusão. Um guia para educadores.

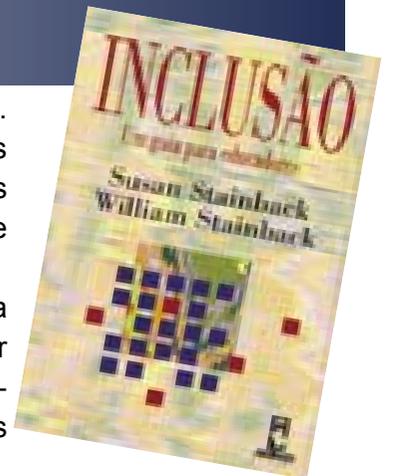
Autores: Susan Stainback e William Stainback

Editor: Artmed Editora

Ano: 1999

O conceito de inclusão é conhecido, mas o processo que o traduz pode ser difícil. Este guia abrangente oferece aos professores as ferramentas e técnicas necessárias para sustentar a inclusão em sala de aula. Usando modelos da vida real, os autores oferecem métodos comprovados para abordar os problemas de comportamento e aprendizagem e alcançar resultados positivos.

Neste livro, os educadores irão encontrar sugestões para fazer com que haja uma interação produtiva em sala de aula entre os alunos. Os professores irão aprender a trabalhar em colaboração com estudantes, famílias e outros funcionários escolares para planejar e adaptar currículos que atendam às necessidades de todos os alunos.



Título: Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem, Problemas de “Ensinação”.

Autor: João A. Lopes

Editor: Quarteto

Ano: 2001

Este livro faz um balanço de duas décadas de experiências a lidar com problemas de comportamento e de aprendizagem em contexto de sala de aula. A sua essência é muito clara: sendo certo que existem alunos que apresentam problemas de aprendizagem e/ou problemas de comportamento, é ainda mais certo que de nada vale aos professores esperar que alguém lhes venha resolver o problema. Sendo assim, terão de ser eles mesmos, através da aprendizagem e desenvolvimento de um conjunto de competências de organização e gestão da sala de aula, a inibir a instauração de um clima de indisciplina.



**A docente especializada em Educação Especial Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, concluiu o Curso de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica na Universidade da Madeira.**

Pereira, Gorete. (2004). Tornar-se Educador: O Impacto com a Realidade Docente. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica.<sup>(1)</sup>

## **RESUMO**

Esta investigação procurou estudar o processo de “Tornar-se Educador” e o impacto com a realidade da prática docente. Ao debruçar-se sobre o período de iniciação à prática docente, procurou conhecer as vivências da primeira experiência profissional de um grupo de educadores, formados pela Universidade da Madeira, através da identificação das principais dificuldades/problemas sentidos nos vários contextos de intervenção do educador, no início da sua prática docente. Além de permitir situar os contributos da formação inicial na aquisição/desenvolvimento de competências profissionais, permitiu também perceber as relações entre a preparação veiculada pela formação inicial e o aparecimento das dificuldades no início da prática docente.

Toda a investigação foi desenvolvida no sentido do apuramento de respostas às seguintes questões, que acabaram por conduzir a nossa investigação.

Que dificuldades/problemas sentem os educadores em início de carreira?

Que contributos proporciona a formação inicial para a aquisição/desenvolvimento de competências profissionais?

Que relação existe entre as dificuldades inventariadas e a formação inicial veiculada pela Universidade?

Optámos por uma abordagem qualitativa dos fenómenos educativos, justificada pela natureza do estudo e do desenho escolhido, destacando-se a importância da construção de um conhecimento compreensivo e interpretativo desses fenómenos sociais e educativos, que emerge da relação com os actores concretos nos contextos em que desenvolvem a sua acção.

Apresenta uma metodologia de trabalho empírico que integrou entrevistas de carácter exploratório e um questionário tipo Likert, construído com base na informação obtida nas entrevistas, bem como do estudo da literatura sobre a temática em análise.

Os resultados obtidos apontam para um claro choque com a realidade, consequência da confrontação entre a imagem da escola interiorizada, no período de formação inicial e a realidade da prática.

O inventário dos sentimentos experienciados e veiculados evidenciam características das fases profusamente difundidas na literatura, da sobrevivência e de descoberta, nomeadamente os constrangimentos do choque do real e da confrontação inicial com a complexidade da situação profissional, contrastando com o entusiasmo e exaltação de estar finalmente em situação de responsabilidade.

As dificuldades assinaladas abrangem o contexto institucional - a escola e o contexto pedagógico da sala de aula, tendo-se verificado uma associação moderada entre as dificuldades e a formação inicial (as educadoras que encontraram mais dificuldades são as que referiram que a formação inicial não as preparou para a prática profissional revelando deste modo uma uniformidade nas respostas).

Os dados permitem afirmar que globalmente as educadoras apresentam a formação inicial como tendo sido positiva, apesar da referência a algumas áreas deficitárias.

A listagem das principais dificuldades encontradas corrobora algumas listas de problemas enumerados que a literatura apresenta e que constam no quadro teórico desta dissertação. Verifica-se que qualquer que seja a situação ou contexto o educador enfrenta sérias dificuldades, quando se torna educador.

Não procurando avaliar a Formação inicial de Educadores de Infância, nem tendo como objectivo a generalização, pensámos que o presente trabalho poderá se constituir como instrumento de reflexão, a todos quantos se interessam por esta temática e estão envolvidos na Formação de Professores.

(1) Dissertação de Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Rodrigues da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e apresentada à Universidade da Madeira.

**A docente especializada em Educação Especial Maria Beatriz Bernardo Ferreira, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, concluiu o Curso de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica na Universidade da Madeira.**

notícias

Ferreira, Maria Beatriz Bernardo. (2004). Convergências e divergências entre o discurso científico e o discurso dos professores no que se refere aos problemas atencionais na aprendizagem: um estudo exploratório no 1º ciclo do ensino básico. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica.<sup>(1)</sup>

## RESUMO

Este estudo enquadra-se numa abordagem descritiva acerca do discurso dos professores do 1º ciclo do ensino básico no que se refere aos problemas atencionais na aprendizagem, pretendendo ser, sobretudo, gerador de interrogações.

O estudo perspectiva equacionar as convergências e as divergências entre o discurso dos teóricos e o discurso dos práticos no que concerne as questões relacionadas com os problemas atencionais na aprendizagem em contextos estruturados. Pretende-se, assim, aferir as dificuldades com que os docentes se debatem na dinâmica relacional com este grupo específico de alunos, com vista à adequação dos meios necessários e das mudanças a produzir para superar as mesmas.

Considera-se que esta mudança só será “produtiva” e gerará sucesso se for encarada enquanto processo partilhado entre os diferentes saberes. Esta realidade é, no entanto, incompatível com uma escola fechada onde ainda impera a inércia por parte de alguns dos seus agentes educativos. Fomentar uma formação diversificada, apelando a algumas modificações curriculares, será o início de uma intervenção mais flexível e capaz de atender melhor às necessidades dos seus educandos.

Neste sentido, adoptamos como objectivos específicos o tentar perceber e compreender o modo como os docentes do 1º CEB gerem estes problemas no contexto real e perceber, também, algo mais sobre os seus quadros conceptuais. A metodologia utilizada foi de carácter qualitativo, sendo o instrumento de recolha de dados a entrevista semi-estruturada. Para a análise das entrevistas, recorreremos à técnica de análise de conteúdo.

Em conclusão e de modo geral, podemos referir

que existe ainda um grande hiato entre os discursos dos teóricos e o discurso dos práticos sobre as questões pertinentes para a intervenção com alunos com problemas atencionais. Urge pensar algumas práticas formativas, de forma a inferir mudanças de atitudes e aquisições de conhecimentos, potencializando uma maior articulação entre estes dois campos do saber.

(1) Dissertação de Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Amélia Lopes da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e apresentada à Universidade da Madeira.



**A docente especializada em Educação Especial Lúcia Fragoeiro, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, concluiu o Curso de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica na Universidade da Madeira.**

Fragoeiro, Lúcia. (2004). A Importância da Educação Sexual na Formação dos Docentes: Pré-Escolar e 1º Ciclo. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica.<sup>(1)</sup>

## RESUMO

Ao longo dos tempos, através das várias civilizações e sob as mais variadas formas, tem-se verificado que o desenvolvimento sexual de cada indivíduo é fortemente condicionado por forças sociais dominantes. Formal ou informalmente, todos os povos praticam alguma espécie de educação sexual.

De facto, a investigação nesta área tem demonstrado que a sexualidade é uma energia que investe toda a pessoa nas suas várias formas de expressão, sendo uma força dinâmica para o seu crescimento. Educar a sexualidade humana é educar para a autonomia (enquanto forma consciente de tomar decisões e fazer opções) e para a diversidade (com base no respeito pela diferença). É também uma forma de promover uma educação criadora e libertadora.

A formação de professores capazes de responder às necessidades da pessoa nas dimensões fisiológica, psicológica e sócio-cultural da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afectiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões, é o tema central deste trabalho. Nele se inclui um estudo empírico, realizado na Região Autónoma da Madeira, acerca da formação de docentes nessa área.

A amostra é constituída por docentes do Pré-escolar e do 1º Ciclo, porque a investigação tem demonstrado que a infância (sensivelmente entre os 5 e os 10 anos) é a fase mais propícia ao desenvolvimento de atitudes e hábitos relativamente ao sexo e à sexualidade. Utilizou-se para recolha de dados um questionário previamente elaborado e validado pela autora, pretendendo-se com o mesmo conhecer as opiniões/atitudes dos respondentes perante a importância da

formação dos docentes em educação sexual e sua implementação curricular.

Da análise das respostas obtidas concluiu-se que quase todos os docentes acham importante a formação em educação sexual, quer para si próprios (98,61%) quer para os alunos (97,32%), nomeadamente na adopção de comportamentos saudáveis.

Uma grande percentagem (91,70%) atribui à escola um papel fundamental na educação sexual. No entanto, interrogados sobre a sua implementação nas aulas, apenas 33,10% dos docentes dizem falar com os seus alunos sobre assuntos relacionados com a sexualidade.

Quanto ao início da educação sexual, 87,90% está de acordo que se faça antes dos dez anos (45,22% aponta desde o nascimento e 42,68% refere a faixa etária entre os 6-10 anos).

Pensamos que cada vez mais se torna necessário que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, tradicionalmente orientado para o conhecimento e domínio do mundo, inflicta a sua atenção para o desenvolvimento do ser humano, para a sua actividade e a sua felicidade promovendo uma Formação de Qualidade em Educação Sexual.

(1) Dissertação de Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica, elaborada sob a orientação da Professor Doutor Agostinho Dias Ribeiro da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e apresentada à Universidade da Madeira.

**A docente especializada em Educação Especial Glória Josefina Rodrigues Leça Gonçalves, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, concluiu o Curso de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica na Universidade da Madeira.**

notícias

Gonçalves, Glória Josefina Rodrigues Leça. (2004). Colaboração e Educação: Colaboração entre Docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico - Influências no desenvolvimento profissional e no desenvolvimento curricular. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica.<sup>(1)</sup>

## RESUMO

O estudo baseou-se no princípio de que a cultura de colaboração entre docentes promove quer o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes quer o desenvolvimento curricular.

A investigação efectuada permitiu problematizar um conjunto de aspectos que têm emergido, em relação às mudanças no campo da educação, no sentido de a escola conviver com os desafios da sociedade da pós-modernidade marcada pela diversidade, pelo avanço da tecnologia, pela incerteza, pela rapidez e pela complexidade. Desafios, estes, que tendem a criar uma sobrecarga de inovações e uma intensificação do trabalho docente.

Estruturámos este trabalho em duas partes. A primeira consistiu na construção de concepções teóricas assentes na convicção de que a cultura colaborativa facilita a resposta aos desafios da sociedade, promovendo o desenvolvimento das escolas, o desenvolvimento profissional dos docentes e o desenvolvimento curricular. Tecemos considerações que evidenciam a importância da colaboração em detrimento da cultura do individualismo, ainda predominante nas nossas escolas, e enalteçemos a colaboração entre docentes como uma forma de ajuda e apoio, de partilha de responsabilidades e de trabalho em equipa. A segunda parte baseou-se na construção, aplicação e tratamento de dados de um questionário, que permitiu conhecer não só as concepções dos docentes de 1º Ciclo do Ensino Básico acerca da colaboração, como também a forma como operacionalizam as práticas colaborativas nas suas escolas.

Não obstante as limitações do nosso estudo, os resultados obtidos apontam para alguma modificação, se bem que ainda longe da mudança desejada.

Constatamos que os docentes dominam o conceito de colaboração e as concepções a ele inerentes, que reconhecem as vantagens e os obstáculos à colaboração e reconhecem, ainda, que a colaboração influencia o seu desenvolvimento profissional. No entanto, ainda não reconhecem que a colaboração no desenvolvimento profissional tem implicações no desenvolvimento curricular, pois nas práticas de colaboração docente ainda não é muito significativo o número daqueles que procuram planificar em conjunto e construir projectos comuns de sala de aula e de escola.

Finalmente, deixamos algumas sugestões para a mudança desejada relacionadas essencialmente com a formação docente, inicial e contínua, que, em nosso entender, deve ser imbuída de práticas colaborativas.

**Palavras-chave:** mudanças, educação, cultura colaborativa, desenvolvimento profissional, desenvolvimento curricular e formação docente.

(1) Dissertação de Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Jesus Maria Sousa do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira e apresentada à mesma universidade.

**A docente especializada em Educação Especial Maria José de Jesus Camacho, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, concluiu o Curso de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica na Universidade da Madeira.**

Camacho, Maria José de Jesus. (2004). Professores em início de carreira: horizontes de desenvolvimento, inovação e mudança na formação de professores. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão Pedagógica.<sup>(1)</sup>

## RESUMO

Este trabalho constituiu uma reflexão acerca da realidade do início de carreira dos professores que concretizámos procedendo a uma revisão da literatura da especialidade e a um trabalho de investigação realizado com o grupo de Professores do Primeiro Ciclo do Ensino Básico que tendo concluído a sua formação inicial na Universidade da Madeira no ano de 2002, se encontravam, à altura da recolha de dados, a viver os primeiros meses da sua inserção profissional na docência.

Após a experiência e vivência do período de formação inicial, nas suas diversificadas etapas e dimensões, os professores entram no mundo profissional. Estão, finalmente, na etapa sonhada, aquela que ao transportá-los para o primeiro contacto com o mundo da profissão escolhida os torna, por um lado, protagonistas e decisores no cenário da escola e daquilo que com ela se relaciona e, por outro, lhes oferece a possibilidade da tão ambicionada autonomia económica, porta de entrada para a sua independência pessoal e social.

No entanto, a entrada na carreira, para além de poder ser considerada um momento de charneira, prenunciador do futuro percurso de desenvolvimento profissional, pressupõe para o novo professor o lidar e o enfrentar da realidade, desprovido dos apoios presenciais e continuados que na etapa anterior se tinham constituído em factor de suporte e segurança. Esta circunstância faz com que o professor se depare com a necessidade de ter que decidir sozinho e de se tornar o mais visível protagonista dos desafios que a especificidade da acção educativa reclama. Tal facto pode constituir-se em dificuldade, já que a transição da etapa de formação para a de actuação numa realidade concreta coloca, na maior parte das

vezes, o jovem professor perante a necessidade de agir em conformidade com muitas situações novas e, por vezes, problemáticas, as quais desencadeiam sentimentos de insegurança e de medo.

Assim, o propósito que nos conduziu na realização do presente trabalho foi a tentativa de análise e compreensão dos factores e dimensões que se assumem como determinantes na fase da entrada na carreira por parte dos professores recém-formados com a perspectiva de verificar a existência (ou não) da necessidade de um período de acompanhamento e supervisão a proporcionar-lhes.

Para tal, estabelecemos uma metodologia que incluiu entrevistas de carácter exploratório (5) e um questionário passado à totalidade dos novos professores em exercício de funções docentes (41).

Os principais resultados encontrados apontam como obstáculos à etapa inicial da carreira, por parte das professoras, as dificuldades experimentadas ao nível da implementação do currículo; a insegurança relativamente aos aspectos práticos da acção educativa; a solidão face ao exercício de funções e às tomadas de decisão pedagógicas, bem como a falta de um acompanhamento por parte da instituição de formação ao início de carreira.

**Palavras-chave:** neo-professores, supervisão pedagógica, acompanhamento, formação, iniciação profissional.

(1) Dissertação de Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Esteves da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e apresentada à Universidade da Madeira.

## ACTIVIDADES REGIONAIS NO ÂMBITO DO DIA INTERNACIONAL DO DEFICIENTE

Na tentativa de sensibilizar a Comunidade para a realidade das Pessoas Portadoras de Deficiência a Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, promoveu diferentes actividades.

A ideia é congregar todos quantos nesta região abraçam a tarefa de tornar mais visível a realidade

daqueles que por qualquer motivo apresentam necessidades especiais.

Que das palavras, da música, da expressão e dos encontros (re)nasçam acções inovadoras e interventivas que minimizem déficits e exaltem potencialidades.

Ainda pode assistir...

2 de Dezembro (5ª feira)	21h30m - Estreia da peça "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" - Teatro Municipal Baltazar Dias.
3 de Dezembro (6ª feira)	11h00m - "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" - Teatro Municipal Baltazar Dias. 15h00m - SESSÃO SOLENE com a presença do Senhor Secretário Regional de Educação no Teatro Municipal Baltazar Dias <ul style="list-style-type: none"> <li>• Orquestra Juvenil e Grupo de Expressão Dramática do SAC</li> <li>• História Dramatizada - GCEA</li> <li>• Lançamento da Campanha de Sensibilização - Projecto ALPIZPA</li> <li>• Canção "Sonho Sem Barreiras"</li> </ul>
4 de Dezembro (Sábado)	21h30m - "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" - Teatro Municipal Baltazar Dias.
6 de Dezembro (2ª feira)	15h00m - Entrega de Certificados de Formação Profissional a 24 Formandos que concluíram cursos em 2003 e Entrega de Prémio de Mérito à Empresa que se destacou na integração profissional de deficientes, no Museu da Electricidade, com a presença do Senhor Secretário Regional de Educação. 19h00m - Projecção de Filmes: "Olhar por dentro" e "No fio dos limites" - Centro de Artes da Casa das Mudanças (Calheta), seguido de debate com a presença da Realizadora Christine Reeh e do Senhor Secretário Regional de Educação.
7 de Dezembro (3ª feira)	21h00m - Projecção de Filmes: "Fragmentos de um tempo lento" e "Mundo silencioso", no Teatro Municipal Baltazar Dias, seguido de debate com a presença da Realizadora Christine Reeh.

# TEATRO EM DEZEMBRO

Nos dias 2, 3 e 4 de Dezembro de 2004, o Grupo de Mímica e Teatro, do Serviço de Arte e Criatividade, da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, irá apresentar a peça de teatro “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá” de Jorge Amado, com encenação de Duarte Rodrigues, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

Esta peça destina-se ao público escolar e ao público em geral. Retrata uma história de amor, julgada impossível entre um gato e uma ave, onde o preconceito e a intolerância predominam. O Gato Malhado apaixona-se



escrito com o propósito de o oferecer ao seu filho mais velho como prenda de anos, quando este completava um ano de idade.

A sua inspiração veio de um cancionero popular da Bahia, onde a literatura oral é muitas vezes mais importante que a escrita.

O amor impossível de um gato por uma andorinha retrata desta forma, os preconceitos sociais, económicos e culturais, numa análise social que caracteriza quase todas as obras literárias de Jorge Amado.

pela Andorinha Sinhá causando uma certa estranheza em todos os outros animais que habitam o bosque. A Andorinha será prometida em casamento ao Rouxinol, mas isso não a entusiasma, incentivando o amor do gato.

Este texto escrito pelo autor Jorge Amado, foi

# PROJECTO: APRENDER SEM BARREIRAS

De acordo com a actual lei orgânica da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação a promoção e desenvolvimento de projectos ligados ao ensino à distância para alunos impossibilitados de frequentar a escola de forma presencial é uma das atribuições do Departamento de Adaptação às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (DANTIC) da Direcção de Serviços de Formação e Adaptações Tecnológicas.

Em conformidade com as atribuições deste departamento, e atendendo a existência de alunos que se encontram impossibilitados de frequentar a escolaridade obrigatória em consequência de barreiras geográficas e físicas, foi apresentado o Projecto Aprender Sem Barreiras a ser desenvolvido pela escola da zona de residência do aluno, o centro de apoio pedagógico concelhio e o DANTIC.

Na implementação desta interface é nosso objectivo manter as características da comunicação utilizada numa sala de aula de ensino tradicional, definido assim, que o terminal deve permitir a transmissão simultânea de imagem e de som em tempo real, o envio de figuras/imagens, texto e gráficos e a comunicação verbal, gestual e escrita (por texto ou através da utilização de outros símbolos, como por exemplo, os sistemas aumentativos de comunicação).

O projecto elaborado pela equipa do DANTIC tem como objectivos:

- Implementar o ensino à distância a crianças/jovens que por motivos de acessibilidade estão impedidos de frequentar estabelecimentos escolares.
- Facultar a participação no processo de ensino-aprendizagem em tempo real de uma forma regular.
- Aumentar a qualidade da participação escolar do aluno com necessidades educativas, através da



criação de novas possibilidades de comunicação entre os intervenientes, no seu processo de ensino-aprendizagem (o aluno, os seus pares, a família, os professores e outros técnicos de apoio).

nicos de apoio).

- Proporcionar aos alunos um atendimento personalizado.
- Promover a literacia dos alunos impossibilitados de frequentar a escola.
- Avaliar a eficácia e a eficiência do sistema de apoio à distância, na articulação e descentralização dos serviços educativos.

No presente ano lectivo, este projecto de “TeleAula”, está a ser implementado a partir da Escola Básica do 1º, 2º e 3º Ciclo de Santo António para atender um aluno do Curral das Freiras, impossibilitado de se deslocar à referida escola.



## Comemoração do 10º aniversário do Centro de Apoio Psicopedagógico de Santa Cruz

12 de Outubro de 2004

Ao assinalarmos este 10º aniversário do CAP, pretendemos não deixar passar em branco a actuação deste serviço ao longo dos anos em que interveio em prol da Comunidade do Concelho de Santa Cruz.

Passado este tempo, consideramos que a nossa intervenção na comunidade tem sido essencialmente, um carácter de reflexão, de mudança e de inovação. Foram 10 anos de evolução, procurando dar resposta às mais variadas solicitações, tentando ajustarmos às necessidades das escolas e da comunidade em geral.

Ao escolhermos como tema da conferência para assinalar esta data, "CAPs ao Serviço da Comunidade

Local", tivemos a intenção de definir o que tem sido a acção deste serviço ao longo do tempo. A pouco e pouco, a equipa cresceu, modificou-se, alargou a sua capacidade de resposta, quer em número, quer em diversidade.

Será assim que fazemos votos de continuar por mais 10 anos; fazendo um trabalho em parceria com todos os que se preocupam com as Necessidades Educativas Especiais da população deste concelho. Continuaremos pois a trabalhar para sensibilizar toda a Comunidade para estas questões, pois sabemos que quanto maior for a nossa consciência para a plena cidadania

de todos os seres humanos, mais real se tornará a perspectiva de inclusão plena para toda a população com Necessidades Educativas Especiais.



## Conferência Internacional de Visão Holística

Com o slogan "Liberdade de ver" o Centro de Artes Casa das Mudas na Calheta acolheu a 19ª Conferência Internacional de Visão Holística que se constituiu num espaço de aprendizagem e consciencialização de novas técnicas e múltiplas abordagens susceptíveis de reduzir ou eliminar vários tipos de problemas visuais, a partir do aperfeiçoamento natural da visão.

Um vasto elenco internacional de renome conduziu sessões plenárias e workshops levando os diferentes profissionais de áreas técnicas e médicas a afirma-

rem a sua satisfação e congratulação pelo evento que além do seu cariz científico, primou pela exuberância paisagística do local, bem como pela presença do SAC cujas actuações se integraram em pleno nas temáticas desenvolvidas.



Há vozes e imagens que nos ajudam a olhar a(s) realidade(s) de um modo suave, profundo, quase poético...

Deixamo-vos com um texto de Rubem Alves num convite a uma reflexão simultaneamente serena e forte.

## **PIPOCA**

A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação por que devem passar os homens.

O milho de pipoca não é o que deve ser.

Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro.

O milho somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer.

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho para sempre.

Assim acontece com a gente.

As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo.

Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira.

São pessoas de uma mesmice, uma dureza assombrosas.

Só elas não percebem.

Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

Mas, de repente, vem o fogo.

O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos – Dor.

Pode ser o fogo de fora: perder um amor, um filho, um amigo ou o emprego.

Pode ser o fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão, doenças e sofrimentos cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio, uma maneira de apagar o fogo.

Sem fogo, o sofrimento diminui.

E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pipoca dentro da panela, ficando cada vez mais quente, pensa que a sua hora chegou: vai morrer.

Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não consegue imaginar destino diferente.

Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada.

A pipoca não imagina aquilo que ela é capaz.

Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece:

**BUM!**

E ela aparece completamente diferente, como nunca havia sonhado.

*Rubem Alves*

*Do livro “O Amor que acende a Lua” – Editora Papiros*

## O QUE SABEMOS SOBRE A DEFICIÊNCIA

### O que dizem as pessoas:

“É uma anomalia física ou psicológica.”

“É algo que não está dentro do padrão ditto “normal”. É ter algo diferente das outras pessoas e existem várias deficiências.”

“É uma incapacidade motora, física e mental.”

“É quando uma pessoa tem alguma incapacidade, não se enquadrando nos padrões que a sociedade chama de “normal”. Penso que as pessoas deficientes devem deixar de se sentir infelizes.”

“Uma pessoa com deficiência é aquela que possui algum tipo de problema que o incapacita ou o limita no seu desempenho profissional.”

“Pessoas com muitas dificuldades.”

“Nem só os que têm a deficiência são deficientes. Nós que nos damos por “normais” muitas vezes somos mais deficientes que os próprios. Os nossos comportamentos uns para os outros, as nossas atitudes, acabamos por ter mais deficiências que aqueles que já a possuem.”

### O que diz a OMS (Organização Mundial de Saúde):

Segundo a OMS a deficiência representa qualquer perda ou alteração de uma estrutura ou de uma função psicológica, fisiológica ou anatômica, de carácter temporário ou permanente. Esta origina a incapacidade que consiste na restrição ou falta de capacidade para realizar uma actividade dentro dos limites considerados normais para um ser humano. As incapacidades podem ser temporárias ou permanentes, reversíveis ou irreversíveis, progressivas ou regressivas.